



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EM E PARA* OS DIREITOS
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL

**EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS NO ENSINO
MÉDIO: ESTRATÉGIA DE COMBATE AO BULLYING**

ANA PAULA VIEIRA DA SILVA

Brasília, novembro de 2015.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EM E PARA* OS DIREITOS
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL

ANA PAULA VIEIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS NO ENSINO
MÉDIO: ESTRATÉGIA DE COMBATE AO BULLYING**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista.

Orientação da Professora Dr^a. Maria Helenice Barroso

Brasília, novembro de 2015.

TERMO DE APROVAÇÃO

Comissão Examinadora:

Profa. Dr^a Maria Helenice Barroso
SEEDF/UnB – Universidade de Brasília

Profa. Dr^a. Renata Jesus Costa

DEDICATÓRIA

Todo esse sentimento de alegria e satisfação tem por motivo minha prima, Carina Vieira de Carvalho, pois foi ela a principal responsável por mais esta conquista em minha vida. Jamais me esquecerei de sua importância e da sua participação nas minhas conquistas profissionais, assim sendo, dedico a ela esta monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar saúde, paciência, sabedoria para realizar este trabalho tão importante, por colocar as pessoas certas no meu caminho, as quais foram essências para me ajudar nesse percurso tão árduo.

Com muito carinho e amor agradeço a minha família que sempre me apoia, me ajuda e principalmente me suporta nos momentos de estresse e tensão, sempre com paciência e com os melhores conselhos do mundo. Obrigada por me ensinar tudo que sei e tudo que sou.

Sou grata ao meu namorado que acredita no meu potencial, no meu profissionalismo e sempre diz as palavras certas para me motivar e fazer acreditar que todos os objetivos serão alcançados, inclusive este, agradeço por não me deixar desistir quando pensei que não seria capaz ou quando as forças pareciam acabar.

Um enorme agradecimento aos meus alunos que são a fonte da minha inspiração e que me fazem seguir nessa caminhada pela educação, pois é somente por eles que continuo a enfrentar todos os obstáculos com otimismo e alegria. Agradeço principalmente por participarem desta conquista com muito humor e dedicação.

Não posso deixar de agradecer à Universidade de Brasília por esta oportunidade e também minha tutora, Juliana Crespo, por todo ensinamento e paciência bem como minha orientadora, Maria Helenice Barroso, por todo seu carinho, atenção e extrema sabedoria em sua orientação, não podendo deixar de agradecer também a Maria Adélia que foi muito importante na execução deste, sem ela tudo seria mais difícil.

Dessa forma, divido com todos vocês os créditos que este trabalho possa oferecer, pois todos aqui citados tiveram grande participação e importância em cada fase desta elaboração, e claro, da minha vida. Muito obrigada!

RESUMO

Esta monografia resultou de uma pesquisa-intervenção, na qual, foram trabalhados os conteúdos de Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, em que abordava os conceitos de multipluralidade, igualdade, preconceito e exclusão. Tais conceitos foram analisados a fim de compreender melhor os casos de *bullying* que ocorrem nas escolas, e crescem gradativamente ao longo dos anos. Baseado na teoria de que o conhecimento, a informação e uma postura crítica são capazes de modificar pensamentos e atitudes, a inclusão da Educação *em e para* os Direitos Humanos no Ensino Médio, como componente regular de ensino, tem como objetivo erradicar a prática de *bullying* na sociedade. Observou-se que em apenas dois meses, durante os quais foi realizado este trabalho de pesquisa-intervenção, a mudança no comportamento dos adolescentes já foi significativa. Muitos dos estudantes envolvidos no processo de debate e reflexão perceberam adotar atitudes discriminatórias sem nem ao menos saber que as mesmas causavam danos ao outro. Para além desse reconhecimento, perceberam a necessidade de transmitir essa informação a fim de que cada indivíduo reconheça e faça sua parte na construção de uma sociedade justa, livre de preconceitos e discriminação, ou seja, perceberam a necessidade de um protagonismo cidadão.

Palavras-chave: Direitos-humanos; Bullying; Diversidade Cultural; Educação.

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	9
1.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 A História da diversidade na sociedade	12
1.2 Desigualdade e exclusão	15
1.3. Os Direitos-Humanos	16
1.4 O <i>BULLYING</i>	18
1.5- O papel da família	20
1.6 A diminuição de práticas preconceituosas por meio do ensino de Direitos Humanos.	21
2. METODOLOGIA	23
2.1. Fundamentação Teórica da Metodologia	23
2.2. Contexto da Pesquisa.....	23
2.3 Participantes	25
2.4 Instrumentos e Materiais.....	25
2.5 Procedimentos de Construção de Dados	26
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS	28
3.1 Análise dos dados e apresentação dos resultados.	28
3.2 Relatos dos alunos do ensino fundamental sobre a experiência	29
3.3 Discussões dos resultados.....	31
3.4 Dados obtidos com as pesquisas e palestras realizadas pelos alunos do Ensino Médio	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
APÊNDICES	49
ANEXOS	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	32
Gráfico 2 -	33
Gráfico 3 -	34
Gráfico 4 -	35
Gráfico 5 -	36
Gráfico 6 -	37
Gráfico 7 -	38
Gráfico 8 -	39
Gráfico 9 -	40
Gráfico 10 -	41

INTRODUÇÃO

A pesquisa-intervenção tem como tema a inclusão do estudo dos Direitos Humanos no currículo regular do Ensino Médio como uma medida de combater o *bullying* no contexto da educação. Uma vez que, a informação e conhecimento são fatores importantes para a formação de um cidadão, assim se faz necessário compreender as práticas preconceituosas e o porquê elas são tão frequentes em nossa sociedade. O ensino dos Direitos humanos também visa informar sobre as diversas culturas existentes e consecutivamente promover o respeito às diferenças. Partindo da premissa que a informação e o conhecimento são essenciais para a compreensão do ser-humano e de seus direitos e deveres na sociedade.

Se o homem é um ser adaptável e transformado pelo saber, logo, a escola como locus privilegiado de construção do conhecimento tem como uma de suas funções promover essa transformação. Sabendo que um dos maiores problemas da atualidade no ambiente escolar são os elevados casos de *bullying*, que crescem cada vez mais no Brasil e no mundo, faz-se necessário pensar num ensino, também, voltado para a prevenção dessa prática.

Pelo fato de haver uma concentração maior no ambiente escolar, os casos de bullying, muitas vezes, são confundidos com brincadeiras de criança, o que torna um desafio ao professor – e também aos pais - identificarem tal acontecimento. O *bullying* pode ser gerador de manifestações de ódio e preconceito apresentando influência negativa na formação da personalidade da criança/adolescente.

A Educação *em e para* os Direitos Humanos, trabalhada de modo sistemático ou informal, pode se apresentar como uma alternativa ao combate a essa prática. Em se tratando da educação formal, somente uma proposta político-pedagógica que tenha como princípio a formação do sujeito ativo, capaz de refletir criticamente acerca de sua prática cotidiana, postura de respeito diante do outro, poderá trazer resultados positivos para a formação de um ambiente que valorize a Cultura da Paz dentro e fora da escola. Acredito que tal proposta precisa ter como foco a prevenção de atitudes violentas ou discriminatórias a fim de evitar as práticas de *bullying*.

Uma educação em e para os Direitos Humanos deve encontrar-se centrada em alguns pressupostos básicos: todo indivíduo tem direito a ter direitos; valorização da dignidade humana; construção de valores e práticas de justiça e solidariedade.

Diante de tais considerações, ao contrário de muitos projetos *antibullying* que em sua maioria tentam identificar a vítima e as medidas que elas devem tomar perante os constrangimentos sofridos, essa pesquisa-intervenção tem como foco também o agressor, que a meu ver exige atenção, cautela e estudos.

Para nortear a pesquisa-intervenção em pauta, alguns questionamentos foram levantados para nortear a pesquisa: Por que um adolescente trata o outro de forma agressiva? O que podemos fazer para que isso pare? Ele conhece a gravidade de suas atitudes e suas consequências? Acredito que as respostas a tais perguntas juntamente com um amplo debate e reflexão dentro do contexto educativo poderão solucionar os casos de *bullying* no contexto escolar e na sociedade como um todo. O *bullying* precisa ser identificado e solucionado ainda na fase escolar para que ele não se transforme em problemas mais graves na vida adulta e profissional, já que a maioria dos casos de *bullying* está relacionada a racismo, discriminação e preconceito.

Acredita-se que o ser-humano é o ser vivo mais inteligente do reino animal, por sua capacidade de comunicação, raciocínio e pelo seu crescente desenvolvimento, por este motivo, era de se esperar um convívio respeitoso com o outro, compreendendo e aceitando as diferenças. Porém, o ser humano ainda não conseguiu erradicar comportamentos irracionais tais como: exclusão, violência, discriminação e intolerância.

Ao revisitar a história da educação no Brasil podemos perceber que até muito recente, o debate em torno dos direitos humanos não fazia parte das propostas curriculares do país. O tema conquistou espaço durante a Ditadura Militar, e, ganhou força no período pós-ditadura quando a sociedade começa a organizar diversos movimentos objetivando lutar pela proteção de seus direitos¹. Atualmente, as leis que norteiam a educação no Ensino Fundamental e Médio, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam mudanças em direção à melhoria do ensino, nas quais estão incluídos temas que abordam ética, cidadania, diversidade, sexualidade, meio-ambiente. Entretanto, mesmo que asseguradas em leis, muitas vezes essas temáticas são trabalhadas de forma superficial ou esporádica, obedecendo a um calendário comemorativo.

¹ Ver em SADER, Emir. “Contexto histórico e educação em direitos humanos no Brasil: da ditadura à atualidade”, em SILVEIRA, Rosa Maria Godoy, *et all.* Educação em Direitos Humanos: fundamentos teóricos metodológicos. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p.p. 75-83.

Acredito na necessidade de um trabalho mais consciente voltado para tais questões, levando o aluno a construir um conhecimento mais ampliado e reflexivo da cultura brasileira, de forma a respeitar as diversidades.

Acredito que a inclusão do estudo de Direitos Humanos integrados ao amplo debate, à aplicação dos princípios da Constituição e ao Estatuto da Criança e do Adolescente no Ensino Médio fará com que o adolescente se familiarize com a legislação e desenvolva um senso crítico sobre as condutas humanas, adotando assim uma postura consciente de respeito e tolerância. Tendo em vista que a aprendizagem é capaz de modificar o pensamento e as atitudes das pessoas, é imperioso que a escola promova condições de aprendizagem para que a criança e o adolescente possam refletir sobre os acontecimentos violentos, cada vez mais atuais e frequentes que os cercam.

A pesquisa-intervenção da qual esse trabalho resultou foi realizada com o objetivo de levar os estudantes à reflexão acerca de determinadas atitudes humanas, analisar por meio de experiências o porquê do sentimento de ódio e racismo, desenvolver atitudes de compreensão, respeito, aceitação e tolerância; bem como promover a compreensão e respeito às diversidades. Afinal, a cidadania exige convivência, aceitação e respeito. Levar o aluno a compreender as diferenças existentes e aceitá-las sem preconceito, compreendendo a existência de leis que exigem respeito para com o próximo é o eixo norteador dessa pesquisa.

Para alcançar esses objetivos é necessário promover debates e reflexões com a comunidade escolar, em torno de questões referentes às diferenças, Direitos Humanos e cidadania. A escola precisa ser sempre aberta a toda comunidade para que sua participação seja efetiva na vida do aluno; Criar grupos de debates sobre as causas e consequências do *bullying* na escola, a fim de identificar se há vítimas, uma vez que elas são muito retraídas e talvez até por ameaças não comuniquem os fatos a ninguém; Trabalhar todos os conteúdos, na perspectiva de uma proposta educativa em e para os Direitos Humanos e, por conseguinte, identificar e ajudar as vítimas de *bullying*, bem como os agressores, utilizando dos serviços de apoio aos educandos.

Penso que a informação adquirida pela fonte de pesquisas serão os pontos principais a serem trabalhados, uma vez que as práticas de *bullying* são decorrentes da falta de conhecimento ou por ensinamentos equivocados. Dessa forma, a escola exerce papel fundamental na formação do aluno, e a partir disso se faz necessário levantar possibilidades

didáticas para trabalhar o tema de Direitos Humanos no ambiente escolar, sendo esse um passo inicial na educação de uma sociedade justa e democrática.

Este trabalho é composto de três capítulos sendo destinados à História da diversidade na sociedade, em que traz as histórias de preconceito, explicando o significado de palavras tais como: diferenças e diversidades. No segundo capítulo constam as definições e os conceitos de *bullying*, suas várias formas de manifestação e sua relação à diversidade. Por fim, as medidas de prevenção desses casos, mediados pela influência, estudo e pesquisa. Desenvolvidos os temas, serão classificados em: A luta da sociedade contra atitudes de exclusão, que aborda a necessidade e importância que a comunidade pode reavaliar para com seus próximos; também será analisada a comparação entre exclusão e desigualdade, que são formas distintas e tal conhecimento acerca de ambas possuem grande importância na construção na cidadania. Em seguida será abordado os diversos casos de *bullying*, e os problemas que ele traz consigo, para concluir, baseado na pesquisa de intervenção, tentar levantar soluções para que esses casos de discriminação sejam evitados.

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A História da diversidade na sociedade

A história da humanidade encontra-se marcada por diferentes formas de violência e violação dos Direitos Humanos. Do mesmo modo, ao longo dos séculos, também podemos observar a luta dos indivíduos por reconhecimento de identidades, diversidades e diferença na trilha da construção de uma sociedade mais igualitária e justa, na qual os Direitos Humanos sejam uma realidade.

A história da luta por direitos no Brasil vem de muito. A sociedade brasileira é marcada pela prática da intolerância, da violência, da não aceitação e respeito com as diferenças. Como afirma Sousa Junior:

Ao longo dos séculos XX e XXI apresentam-se, no enredo da história dos direitos humanos no Brasil, as lutas sindicais dos trabalhadores e trabalhadoras urbanas, aliadas à das Ligas Camponesas, culminando na luta contra a ditadura civil-militar, e a emergência dos movimentos sociais de luta pela terra e territórios dos povos indígenas e comunidades tradicionais, seguida da luta por moradia e acompanhada, em outras dimensões, pela organização dos movimentos feministas, negros e LGBTTs, e tantos outros que cotidianamente imprimem sua identidade de novos sujeitos que reivindicam direitos. (SOUSA, José. 2015, pág.10)

Muitas conquistas já foram realizadas com essas lutas, tais como o direito de voto e trabalho das mulheres, porém a luta por respeito e igualdade persiste. Outro fator importante é o sistema de cotas em concursos e universidades que beneficiam muitos que não tiveram acesso a uma educação de qualidade. A legalização do casamento homoafetivo demonstra que a sociedade está buscando a equidade e que as lutas estão obtendo resultados positivos, porém, ainda assim presenciamos muitos casos de preconceito e discriminação.

Acredito que o ser humano pode conviver harmoniosamente, respeitando o princípio básico dos Direitos Humanos, ou seja, o direito a ter direitos. Direito à sua identidade, direito a ser diferente, direito à liberdade e direito a uma educação inclusiva. Educação essa pautada num modelo de escola que atua com atenção voltada para a diversidade no desenvolvimento de sua prática pedagógica. A questão que tentamos levantar é por que existe tanta intolerância pelo que é diferente, se nenhum ser vivo no mundo é igual ao outro? Conforme afirma Boaventura (2008 p.279): “a igualdade, a liberdade e a cidadania são reconhecidas como princípios emancipatórios da vida social”, os conceitos de diferença, desigualdade foram criados pela cultura, pela sociedade enfim, pelo próprio homem.

No Brasil, a população é originária de uma miscigenação entre vários povos que vieram colonizar e habitar as terras descobertas. Além da mistura de etnias também temos a mistura de culturas e crenças assim como coloca em seu texto Lucia Helena Pulino.

No caso do Brasil, este é um país marcado pela pluralidade desde sua formação. Teve os povos indígenas como habitantes originários de seu território, com quem os portugueses se defrontaram na época do “descobrimento” e contra os quais investiram suas “armas” caracterizadas por ações voltadas para a cristianização e educação, marcadas pela ideologia dos descobrimentos colonizadores, pretensamente civilizatórios. Assim, europeus – portugueses, franceses, holandeses, em sua maioria – indígenas, africanos negros trazidos como escravos, (...) habitaram nosso país, que se transformou em um palco de conflitos, resistências, disputas de território, de ideias, crenças, práticas, línguas, religiões, expressões artísticas, maneiras de ver o mundo e de cada um se identificar e de se reconhecer (ou não) mutuamente como humano. (PULINO, 2015, p.7)

Assim sendo, não podemos classificar e separar raças sendo que a maioria dos brasileiros é descendente de uma junção de etnias, por outro lado, ainda existem revoltas marcadas pelos casos de imposições e violências que ocorreram no passado. Atualmente, há várias políticas que procuram solucionar e desculpar-se com esses descendentes, assim como uma das maiores preocupações das sociedades atuais é resolver os casos de intolerância e promover o respeito humano, já que essas atitudes são responsáveis por muitos conflitos que assolam a população.

A intolerância começa quando não se aceita essa pluralidade, não se reconhece o outro em sua diversidade. Ao invés de aceitar e aprender com essa multipluradidade que enriquece nossas culturas, muitos buscam homogeneização dos povos, excluindo aqueles que são considerados diferentes. Desde a época da chegada dos portugueses está presente a vontade de “moldar” os que aqui já habitavam – os indígenas – e aqueles que foram trazidos posteriormente – os africanos. Essa tentativa não foi nada pacífica, muitos índios perderam sua cultura, sua liberdade, assim como, os africanos que vieram numa situação de escravizados. Todos foram educados e polidos para se tornarem iguais aos europeus e os que não se adequavam a nova cultura ou que fisicamente eram muito distintos sofriam repressões e violências físicas.

Passados séculos vimos poucas mudanças: os afrodescendentes conquistaram sua liberdade, mas continuam reféns do preconceito e da violência. Os índios, que foram os primeiros habitantes de nosso país, hoje não têm onde viverem com seus descendentes e sobrevivem em situações precárias, mesmo com órgãos que os defendem, não foi possível ainda resgatar a dignidade deles para que possam viver de acordo com suas culturas e

filosofias. Tudo isso é reflexo da história de exclusão social existente no Brasil e que ainda persiste após os séculos.

1.2 Desigualdade e exclusão

Como aborda Wanderson do Nascimento (2015, p.5) em seu texto, Sujeitos da diversidade: “É possível pensar que a exclusão não pode estar no sujeito, pode não ser do sujeito; no entanto, perpassa pela cultura e atravessa as práticas de subjetivação pelas quais os sujeitos formam a si mesmos”. Compreende-se que o conceito de subjetivação nasce do convívio com a sociedade, com a cultura vivida com a concepção do certo ou do errado, ou seja, com o que é ensinado. Ninguém nasce classificando gêneros, ou escolhendo sua religião, tudo isso é repassado com a convivência por meio da cultura de sua família, por exemplo: uma criança não tem a noção da diferença, da exclusão; os adultos é que são os responsáveis por desenvolver essa subjetividade no ser em desenvolvimento.

Santos Boaventura (2008, p.280) afirma que

“a desigualdade é um fenômeno socioeconômico e a exclusão é um fenômeno cultural e social, ou seja, trata-se de um processo histórico através do qual uma cultura, por via de um discurso de verdade, cria o interdito e o rejeita (...) todos os grupos sociais são atingidos pelo interdito social, sejam eles a delinquência, a orientação sexual, a loucura ou o crime”. (SANTOS, 2008: 280)

O que Boaventura Sousa Santos está dizendo é que a desigualdade foi estabelecida nas sociedades modernas pela exploração resultante da relação trabalho/capital. E a exclusão é resultado de um processo histórico-cultural, em que os discursos dominantes criam e sedimentam a hierarquização de um grupo em relação a outro, qualificam e desqualificam, como é o caso do racismo.

Tais concepções são fundamentadas na ideia do essencialismo e da cientificação, no determinismo biológico referente à raça, ao sexo. A desigualdade, a exclusão e o preconceito são historicamente sedimentados pelo discurso hegemônico que vai inculcando a naturalização desses conceitos de modo inconscientemente. Partindo dessa premissa, é

necessário modificar essa postura e construir uma sociedade baseada na igualdade e na inclusão.

1.3. Os Direitos-Humanos

O Direitos-Humanos possui o intuito de educar e conscientizar os seres-humanos para viverem em sociedade respeitando as diferenças e prezando o bem maior constante na Constituição Federal que é a vida. Art. 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. (CF,1988)

Os Direitos-humanos existem para construir uma sociedade mais justa, consciente, harmônica e com melhor qualidade de vida para todos os cidadãos. Entretanto, como sabemos, nem todos conseguem ser livres da violência e do preconceito e isso fez com que diferentes grupos entrassem na luta em prol da defesa e conquista de diferentes Direitos Humanos. De acordo com Flores,

(...) nós definimos os direitos humanos como ‘processos de luta pela dignidade’, ou seja, o conjunto de práticas sociais, institucionais, econômicas, políticas e culturais levadas a cabo pelos movimentos e grupos sociais em sua luta por um acesso igualitário e não hierarquizado a priori aos bens que fazem digna a vida que vivemos. (FLORES, 2008, p.12).

Até pouco tempo quando se falava em Direitos Humanos imediatamente se falava de uma legislação que garantisse tais direitos. No entanto, nos dias atuais a concepção de Direitos Humanos coaduna com a proposição de Flores, isto é, os Direitos Humanos são assegurados não apenas pelas leis, mas por “um processo de lutas”. Lutas para a conquista da igualdade de condições e luta pela inclusão de grupos colocados fora.

No combate à exclusão e desigualdade torna-se necessário a compreensão gerada pela construção de um conhecimento crítico-reflexivo. Somente dessa forma atitudes violentas podem ser combatidas e erradicadas. Para Magendzo

Pensar na interdisciplinaridade e nas múltiplas dimensões da EDH significa assegurar que os conteúdos relacionados aos direitos humanos estejam presentes tanto no currículo manifesto – planos, programas e textos de estudos – como no currículo oculto. (MAGENDZO, 2006, p.35).

A citação acima de Magendzo resume tudo que penso acerca dos Direitos-humanos. O questionamento que nasce com tal afirmação é como sedimentar tal postura nos indivíduos, em seu pensamento e em suas atitudes cotidianas. Se todos tivessem a mesma religião, o mesmo pensamento e a mesma filosofia de vida. Como seria? Somos diferentes, então precisamos desenvolver nossa capacidade de adaptação e aceitação, seja ela psicológica ou intelectual.

Os humanos com sua capacidade de raciocínio se torna livre para fazer escolhas, apesar de comporem a mesma raça são diferentes por suas escolhas ou etnias, tais características são o que compõe a diversidade cultural, ou seja, devido a um vasto território os seres humanos se diferem em religiões, sexo e raça, porém somos todos ainda humanos como afirma Lúcia Helena Pulino, somos semelhantes.

Estamos acostumados a chamar este outro de semelhante, como um humano em geral, mas, aqui, queremos pensar nesse semelhante como diferente, outro humano, marcado por suas especificidades, pela cultura de que faz parte, por suas crenças, ideias, valores, características físicas. Este outro pode ser um ser não humano, como um animal. O que estamos querendo dizer é que o que chamamos de semelhante a nós também é um outro em relação a nós, pois, ao mesmo tempo em que é considerado um “igual”, um humano, pertencente à mesma espécie, os humanos diferem entre si de várias formas. A espécie humana é marcada pela diversidade, tanto aquela entre grupos étnicos, culturais, sociais como a referente a cada um dos indivíduos. (PULINO. 2015, p.4)

Com isso, Pulino diz que a diversidade é uma característica da raça humana, ninguém é igual a ninguém cada indivíduo possui sua capacidade de escolha e sua identidade única, porém pertencentes a uma mesma raça – a Humana. Já os Direitos Humanos existem para defender esse direito a liberdade de escolha e o respeito ao próximo, inclusive aos animais e ao meio- ambiente.

Tendo em vista muitos desrespeitarem essas diferenças, seja de maneira violenta ou até mesmo indiretamente é que surge a necessidade de se pensar numa educação voltada aos Direitos Humanos a fim de prevenir atos discriminatórios na sociedade e principalmente na escola, com as crianças que estão em fase de desenvolvimento intelectual e cognitivo. Por isso, levantar possibilidades didáticas para trabalhar o tema de Direitos Humanos no ambiente escolar, sendo esse um passo inicial na educação de uma sociedade. No intuito de construir uma postura de aceitação do outro, sem estabelecer qualquer classificação dos indivíduos em superiores/inferiores.

1.4 O BULLYING

O Bullying é uma prática de ação que apresenta violência física ou psicológica, praticados por um ou mais indivíduos, causando sofrimento e constrangimento, àqueles que são considerados diferentes, excluídos do grupo hegemônico.

De acordo com NASCIMENTO e DELMODEZ:

O bullying na escola é uma versão primária e permanente dos preconceitos e discriminações que se observa na vida social. Ou seja, o diferente é apreendido como tal pautado em valores e normas preestabelecidos histórica, cultural e ideologicamente que sustentam os conceitos de normalidade e anormalidade. Importa ressaltar que a existência do bullying nas escolas, não é fato novo, mas é a compreensão e o significado dele que vem sendo modificado. Quando o bullying tem fundamento na cor da pele, se trata de um fenômeno conhecido como racismo; o bullying sexual, por sua vez, é reconhecido como homofobia. (NASCIMENTO; DELMODEZ/2015, p.6)

As atitudes das crianças são reflexos daquilo que vivem ou veem em suas famílias e demais grupos de convivência. A educação repassada pelos pais ou familiares são fatores determinantes na construção da identidade da criança. Para minimizar ou acabar com as agressões é necessário um trabalho da escola, professores e coordenadores juntamente com as famílias. Não basta o professor executar ações em sala a fim de erradicar a violência se não existe uma educação, ou em alguns casos reeducação, familiar. Sendo assim, após a identificação da prática de *bullying*, a medida a ser tomada é a comunicação aos familiares do

aluno vítima e dos autores das agressões, sejam elas verbais, físicas ou morais no intuito de apoiar a vítima e conscientizar os agressores.

De acordo com a revista *Veja* o *bullying* é um dos grandes vilões da adolescência, que envolve quase 30% dos estudantes brasileiros. Ou seja, um em cada cinco jovens na idade de 11 a 15 anos praticam *bullying* contra os colegas, além de a frequência ser maior entre os meninos. O índice é destaque da Pesquisa Nacional de Saúde Educacional (PeNSE). De acordo com o Data Popular, afirma que o percentual de alunos que já viram casos de *bullying* em sua escola é de 77%, já os professores que souberam de casos forma 86%. Já os pais são os que menos têm conhecimentos sobre o tema, apenas 51% tiveram conhecimento sobre o assunto na escola de seus filhos.

Com isso, percebe-se a urgência de uma medida para solucionar este problema. Os métodos a serem executados em aula dependem da disciplina ministrada, mas podem-se utilizar textos que tragam histórias de superação, assim como textos que mostre que as pessoas são especiais em suas diferenças, textos e filmes que motive contra o preconceito. De acordo com Lúcia Pulino,

Por meio de exercícios, de trabalho colaborativo em grupo, da brincadeira, do uso de recursos e estratégias didáticas, o professor pode criar Zonas de Desenvolvimento Proximal e atuar nelas, para a efetivação de aprendizagens e a promoção do desenvolvimento psicológico a partir delas.(PULINO,2015. p.12)

O Professor como mediador do saber deve não apenas fazer uso de uma educação bancária, mas sim despertar no aluno a vontade de aprender e induzi-lo a pesquisar. Mostrando o caminho para obter as respostas não somente das ciências exatas e humanas, mas também orientado a viver em conjunto, executando a cidadania e promovendo o bom convívio social. Assim como relata PULINO:

Podemos dizer que essa maneira de trabalhar proporciona que os alunos e as alunas se responsabilizem por sua participação nas aulas, que argumentem, discutam, discordem, cumpram seu papel, tomem decisões coletivas, ajam, enfim, como cidadãs e cidadãos, na comunidade da sala de aula. A sala de aula se torna, assim, um espaço de construção e exercício da cidadania. E, para além desse exercício de autonomia intelectual, alunos, alunas e professores/as assumem democraticamente a regulação das relações em sala de aula. (PULINO, 2015, p.2)

Em decorrência de um ensinamento de qualidade, Diva Albuquerque e Geane Silva defendem uma educação dialógica

Para tanto, considerar o diálogo como necessário na relação entre ciência, cultura e subjetividade possibilita uma visão mais integradora da realidade onde existem os conflitos, as divergências, as diferenças, as inconstâncias e não apenas uma única maneira de enxergar o mundo” (2015,p.12).

Dessa forma, o aluno precisa compreender a importância de ser tolerantes e refletir nas atitudes diárias, ao invés de criticar devemos conhecer e estudar as culturas em que cada ser humano se enquadra para compreendermos seus pensamentos e atitudes. E também, ser maleável, ouvir o outro e perceber que o diferente para nós é comum para outros e que todos numa sociedade estamos abertos a aprender.

1.5 O papel da família

A personalidade do indivíduo é constituída com bases em suas diferentes experiências sociais. Portanto, a construção do conhecimento do ser humano não se dá somente na escola, mas principalmente na sua convivência social e dando início a sua personalidade antes mesmo do nascimento, ou seja, na gestação, no planejamento por isso a influência e a decisão dos pais na formação psicológica da criança são de extrema importância.

O princípio da educação vem de casa, desde o nascimento da criança os pais são designados a educar para a vida, na escola o processo deve ser o mesmo, preparar o aluno para desenvolver o senso crítico, formar artistas, pensadores, profissionais qualificados e principalmente induzir atitudes de cidadania no indivíduo, mas a realidade é que no Estado capitalista em que vivemos, a educação é centrada no tecnicismo, no qual visa à preparação apenas para a aprovação em vestibulares e concurso, esquecendo a formação do ser perante a sociedade.

Partindo da premissa que as personalidades da criança e do adolescente são reflexos do seu meio social e do fato que os primeiros ensinamentos vêm da família, significa que ela é primordial para formação da personalidade de seus descendentes. Conforme Leontiev (1978)

Os seres humanos se constituem, como espécie e como indivíduo, nessas relações. E é graças às relações sociais - elas mesmas vividas, criadas e transformadas por humanos, em condições históricas, culturais, sociais, familiares e pessoais - que eles historicamente vem produzindo arte, conhecimento, práticas, valores, e construindo diferentes maneiras de se organizarem, de olharem o mundo, e de educarem as novas gerações que nascem. (LEONTIEVE, 1978 *apud* PULINO, 2015, p.4)

Dessa forma, a preparação para uma gestação e o ambiente em que a criança convive seus primeiros dias de vida, e que são essências para a formação de um pensamento, repercute quando esse ingressa na vida escolar. A educação para ser efetiva precisa ocorrer em sintonia com o corpo docente, a comunidade escolar e a família.

1.6 A diminuição de práticas preconceituosas por meio do ensino de Direitos Humanos.

A escola é uma instituição direcionada à transmissão do saber. Além do conhecimento das artes e ciências o aluno precisa desenvolver sua capacidade de comunicação, relacionamento e respeito. Com tudo isso, a proposta de incluir no ensino regular os Direitos Humanos, parte da seguinte afirmação:

Assim, temos, no âmbito de cada uma das Ciências Humanas ou Sociais, ou das Humanidades, da Sociologia, da Economia, da História, da Geografia, da Psicologia e da Filosofia, „escolas“ que se baseiam em concepções distintas de ser humano, de verdade, de conhecimento, de mundo, enfim. E, nós, estudiosas/os e educadores/as, conhecendo as diversas teorias e práticas em cada um desses campos de conhecimento que investigam o ser humano, fazemos nossas escolhas de uma ou outra, tomando como critérios não só elementos epistemológicos (objetividade, verdade, legitimidade), mas, especialmente, nosso posicionamento ético, estético e político diante do mundo. (PULINO, 2014, p. 10)

Dessa forma o ensino de Direitos Humanos se faz necessário sendo abordada de forma participativa através de pesquisas, debates, produção de textos e slides, assim como mostra de filmes e reportagens.

A inclusão de Direitos Humanos no currículo regular do Ensino Médio terá como objetivo conscientizar os alunos de que atitudes violentas e discriminatórias resultam da falta de informação e desrespeito às diferenças. Torna-se necessário levar o estudante a refletir suas atitudes perante a sociedade. “Levando-o a compreender que interrogar a intolerância é, pois, questionar as relações do eu ao outro, mas, sobretudo de nós a nós mesmos”. Afirma a filósofa Olgária Mattos (1998. p.97-100).

Dessa forma, os objetivos a serem atingidos com a inclusão dos Direitos Humanos no contexto escolar, serão voltados para o conhecimento e à informação a fim de atingir, principalmente, aos alunos que praticarem *bullying*. Fazendo-os refletir sobre si mesmos e suas atitudes para com a sociedade. Alunos que apresentam características agressivas merecem acompanhamento psicológico e tratamento tanto quanto às vítimas de *bullying*.

O debate acerca das diferenças ocorrerá conforme o Art. 26, § 4º da LDB 9.394/96: “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia”. Ressaltando que o conteúdo de histórias do Brasil pode ser trabalhado de várias maneiras associados a disciplinas concomitantes com história, geografia, filosofia, sociologia e linguagens. Desse modo, o ensino será direcionado a promover a interdisciplinaridade e apresentar que os processos da diversidade vêm ocorrendo através das décadas, permitindo que tal estudo ocorra constantemente durante o ano letivo e associado ao currículo escolar.

Já o Art, 35- III da LDB 9.394/96, ressalta: “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. A informação liberta as pessoas de pensamentos preconceituosos já que o pré conceito só ocorre pela falta de conhecimento do assunto, como o próprio nome já diz, é um conceito equivocado e baseado em suposições.

De acordo com BERNARD “A educação é um triplo processo de humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização-subjetivação. Educa-se um ser humano, o membro de uma sociedade e de uma cultura, um sujeito singular.” (2006, p.15) Sendo assim, preparando o aluno para se tornar um cidadão crítico e tolerante, desprovido de atitudes preconceituosas e discriminatórias, uma vez que, essa educação conscientiza sobre o tratamento igualitário entre as pessoas, enfatizado o respeito ao próximo e o conhecimento de suas crenças e estilo de vida.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2.1. Fundamentação Teórica da Metodologia

A intervenção realizada neste trabalho é norteada pela proposta feita por Diva Alburquerque e Geane Silva em seu texto *Metodologia de Pesquisa* no qual afirmam que:

É importante lembrar que muito mais do que adquirir conhecimentos teóricos sobre metodologia, este é um processo de construção, ou melhor, de coconstrução do conhecimento, de modo que poderemos vivenciar juntos, um processo de construção do projeto científico sobre o fazer pedagógico. (SILVA, ALBUQUERQUE, 2015, p.2).

Dessa forma, a intervenção será realizada por meio da indução dos alunos à pesquisa e conhecimento dos Direitos Humanos, para que possa respeitá-lo e praticá-lo no ambiente escolar.

Na intenção de que tais conhecimentos acerca dos Direitos Humanos sejam capazes de promover no ambiente escolar a inibição das práticas de *bullying*, violência, discriminação e intolerância de raças, gêneros e qualquer outra forma de distinção, tanto pela parte dos alunos como também do corpo docente.

2.2. Contexto da Pesquisa

A pesquisa-intervenção foi realizada no Colégio Certo unidade Taguatinga Norte, onde leciono há três anos, aulas de redação e produção textual. O público da escola comporta alunos de famílias de Classe Média inseridas em uma localidade próximas à periferia e áreas

rurais. Trata-se de uma escola que oferece desde a educação infantil ao ensino médio. O público alvo será alunos que estão concluindo a educação básica com a finalidade de incentivá-los a promover o respeito mútuo assim como ajudá-lo a ser um cidadão melhor e profissional de sucesso.

Quando desconhecemos determinados assuntos estamos propensos a cometer erros, sendo assim, a informação é o principal método a fim de buscar e encontrar o sucesso, quando falamos com adolescentes e crianças só há uma forma de ensiná-los com eficácia, fazendo-os praticarem as atividades propostas de maneira dinâmica. Desse modo orientei para que os alunos pesquisassem no seu cotidiano os casos de desrespeito aos Direitos Humanos, e tal pesquisa teve como objetivo o aluno descobrir o que é certo ou errado quando se trata de Direitos Humanos. Gostaria que eles mesmos descobrissem com suas próprias experiências.

O principal objetivo com tais pesquisas é descobrir a realidade da comunidade em que vive o adolescente e transmitir valores às novas gerações, não ficando limitados à dimensão dos conteúdos intelectuais transmitidos com uma educação bancária ou tradicional. Ao invés de buscar soluções e simplesmente repassar aos alunos foi proposto exatamente o contrário, que eles próprios descobrissem formas de compreender e ensinar o respeito aos Direitos Humanos com o objetivo de conscientizar as pessoas próximas a não praticarem *o bullying* bem como qualquer outra forma de preconceito.

Assim os alunos foram incentivados ao aprimoramento profissional e desafiados a exercerem a função de professores para realizarem atividades que eles gostariam que os professores realizassem a fim de viver as diferenças, conhecer, pensar e solucionar os problemas, fazendo com que sentissem motivados e que o resultado de conhecer, de fato, o que é o Direitos Humanos, concedendo uma autonomia e liberdade dentro do ambiente escolar.

Partindo da ideia de que os valores devem ser mais do que transmitidos, devem ser vividos, através de práticas educativas e no curso dos acontecimentos. Podemos definir a proposta de intervenção em dois grandes objetivos: ampliar a educação no conjunto da experiência humana (ser, conviver, fazer e aprender) e estendê-la ao longo de toda a vida, transcendendo os limites da idade escolar.

A partir desses preceitos será elaborada a pesquisa de intervenção, com o intuito de construir conhecimento com alunos da educação básica, a fim de inibir atitudes violentas e

preconceituosas. Formando um cidadão mais consciente de suas ações e respeitador das diferenças afim de que suas atitudes influenciem também o meio em que ele está inserido. Com base nas Leis de Diretrizes e bases da Educação, será promovida tal intervenção, buscando uma participação maior do aluno no processo de ensino-aprendizagem voltado à conscientização da diversidade cultural existente no Brasil.

2.3 Participantes

Os envolvidos foram os alunos do 3º ano do Ensino Médio do Centro Educacional Certo de Taguatinga Norte. Totalizando 30 alunos na faixa etária entre 16 a 18 anos. O universo de alunos foi constituído por oito alunos de 16 anos, dez alunos de 17 anos e dois alunos de 18anos.

Como se trata da inclusão de Direitos Humanos no ensino regular, em todo o segundo semestre os alunos realizaram suas atividades diárias relacionando ao ensino dos Direitos Humanos. Foi proposto que a avaliação final eles promovessem um seminário de como prevenir *bullying* nas escolas a partir do conhecimento dos Direitos Humanos estudado até o momento. Para que eles mesmos colocassem em prática o que foi aprendido nesse período e repassassem tal aprendizado aos alunos do ensino fundamental.

A princípio foi escolhido o terceiro ano do Ensino Médio, pela influencia que eles exercem na escola Todas as turmas se espelham nos formandos da escola, todo almejam chegar aonde eles estão. Dessa forma, ao aproximar o Ensino Médio do fundamental o aproveitamento do conteúdo se faz de maneira mais efetiva.

2.4 Instrumentos e Materiais

- * Vídeos, filmes sobre *bullyng*;
- * Pesquisa de dados dos alunos e funcionários;
- * Debates orais;
- *Produção de texto;
- * Questionário;

* Slides.

*Redações

2.5 Procedimentos de Construção de Dados

Partindo do pressuposto de que o conhecimento permite a aceitação das diferenças de maneira eficaz, dessa forma será ministrado aos alunos aulas sobre os Direitos Humanos, vídeos e reportagens, além de textos e dados que mostrem que o preconceito e *bullying* ainda são muito presentes no Brasil e no mundo. Após uma introdução e explanação do conteúdo será solicitado que os próprios alunos do 3º ano do ensino médio (faixa etária de 16 a 18 anos) elaborem uma oficina mediante suas experiências vividas na fase escolar para apresentar ao ensino fundamental II e convencê-los a promover ações que inibem a prática de *bullying* no Brasil.

Será designado que os próprios alunos executem uma apresentação, orientado pelo professor, pesquisando em sua comunidade os casos de preconceito, racismo e outras formas de discriminação (homossexuais, gordos, diferenças religiosas, culturais, deficientes físicos, entre outros), a fim de levantar dados e perceber os malefícios que isso causou ao indivíduo. Os alunos irão pesquisar no prazo de uma semana as diferenças existentes na sociedade – comunidade indígena, quilombola, escolas para alunos especiais, grupos religiosos entre outros-. Cada grupo de alunos será responsável por mostrar uma diversidade cultural de sua comunidade. Após esta pesquisa, será desenvolvida uma oficina para mostrar esse estudo e essa experiência para todas as classes da escola, voltando para o incentivo ao respeito ao próximo, será necessário focar as diferenças existentes em sala de aula também, levando à compreensão de que somos todos seres-humanos dotados de igualdade e de direitos, porém respeitando as particularidades de cada indivíduo, as identidades e as diferenças.

Em seguida, os alunos responderão a um questionário que apresentaram e vivenciaram esse trabalho. O questionário objetiva desenvolver uma Proposta Político-Pedagógica capaz de potencializar atitudes de convivência e respeito com as diferenças, no ambiente escolar com o intuito de construir uma sociedade mais justa e solidária. Já os alunos

do ensino fundamental, que serão os alvos dessa oficina, ao fim dela farão uma redação sobre o seminário apresentado a eles pelo Ensino Médio.

A partir desse questionário será executado um debate para refletir sobre as pesquisas realizadas com a comunidade escolar, em torno de questões referentes às diferenças, Direitos Humanos e cidadania. Depois serão criados grupos de debates sobre as causas e consequências do *bullying* na escola, separado por um perfil de pensamentos sobre o assunto, ou seja, serão separados os alunos que tiverem pensamentos distintos sobre o assunto para chegarem a um consenso. Com isso, será elaborado um planejamento de todos os conteúdos, na perspectiva de uma proposta educativa em e para os Direitos Humanos a ser incluso no currículo escolar. E por fim, identificar e ajudar as vítimas de *bullying*, bem como os agressores, utilizando dos serviços de apoio aos educandos, como orientadores pedagógicos, psicopedagogos e coordenadores.

Os alunos do Ensino Médio do Centro Educacional Certo de Taguatinga Norte já haviam realizado uma pesquisa dentro da escola para levantar dados de casos de *bullying* existentes na escola, tanto no momento atual como fatos já ocorridos. Os próprios alunos conversaram com os funcionários e estudantes, que se dispuseram a colaborar, as pesquisas ocorreram em forma de entrevista. Depois desses dados levantados foi realizado um debate sobre os dados levantados e seus resultados.

O debate acompanhado de aula expositiva e apresentação de filmes e reportagens sobre o assunto bem como leitura de textos que motiva os Direitos Humanos. Após essa explanação foi proposto aos alunos à elaboração de um seminário produzido pelos alunos, tendo como base as informações adquiridas até o momento. Tal seminário tem a finalidade de repassar aos alunos do Ensino Fundamental toda aprendizagem que os alunos do Ensino Médio captaram dentro da escola, como forma de contribuírem para a inibição das práticas de *bullying* no ambiente escolar, considerando o respeito aos Direitos Humanos e as diversidades existentes em nossa sociedade.

Por fim, todos aqueles que apresentaram o seminário e participaram das pesquisas responderão a um questionário; que os levará a compreender ainda mais tal proposta e perceber se os objetivos foram alcançados.

1ª Semana – Pesquisa a ser realizada dentro da escola, por meio de entrevistas com alunos e funcionários.

2ª Semana – Elaboração do projeto: O que podemos fazer pela nossa sociedade? Como contribuir para o fim das práticas de *bullying* na minha escola e conscientizar todas as pessoas que apresentam comportamentos violentos e discriminatórios?

3ª Semana – Apresentação e discussão dos resultados obtidos.

CRONOGRAMA

*Julho: Pesquisas e entrevistas com funcionários da escola.

*Agosto: Debates e mostra de vídeos. (Filme: O primeiro aluno da classe 2008, Depois de Lúcia , Em um Mundo Melhor 2011 , Evil, Raízes do Mal 2004 e Elfant), seguido por debates para analisar o quanto o *blying* é sério e seu respectivo desrespeito aos direitos humanos. Os filmes retratam situações diferentes de *bullying* e a intolerância com o outro seja por classe social, raça, estilo de vida ou simples equívocos adolescentes.

* 1ª a 10/setembro: Elaboração de seminário, construção pelos alunos com orientação do professor de como repassar as informações adquiridas nas pesquisas até então realizadas para os alunos egressos do ensino fundamental.

* 10 a 20/ setembro: apresentação aos professores e modificações necessárias.

* 25 de setembro apresentação na escola que será considerada pela instituição “O dia de combate ao *bullying*”.

* 28 a 30 de setembro: Resposta aos questionários dos alunos envolvidos no projeto.

Os resultados serão analisados a partir das informações prestadas ao debate e nas respostas do questionário que será aplicado.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 Análise dos dados e apresentação dos resultados.

A partir da pesquisa de intervenção foi denominada na escola “o dia da luta contra o *bullying*”, a inclusão do estudo de Direitos Humanos por durante um semestre fez com que toda a escola se unisse em prol de aprender e colocar em prática todos os ensinamentos sobre

os Direitos Humanos, uma vez que, muito se cobra do aluno que respeite as diferenças e faça uso da boa convivência em sala, porém muitos alunos aderem brincadeiras sem saber que estão desrespeitando tais direitos e consequentemente ofendendo seus colegas.

Todos os estudos realizados acerca dos Direitos Humanos levaram a própria reflexão dos alunos, e muitos até se emocionaram e na frente de todos os colegas levantaram e pediram desculpas por coisas que haviam feito no passado. Já os ofendidos se sentiram felizes e respeitados. A experiência foi muito satisfatória, porém foi determinado que agora levem adiante tal conhecimento, usando desse respeito não só no ambiente escolar, mas em todos os lugares e principalmente em casa com seus familiares.

A intervenção teve como objetivo influenciar os alunos do ensino fundamental fazê-los perceberem que *bullying* é algo ruim que não devemos participar, incitar ou simplesmente aplaudir essas atitudes. A partir desse objetivo os alunos do Ensino Médio precisariam usar métodos para os convencerem os alunos de que o *bullying* é algo ruim, mas quando a sala de aula se torna invertida – quando o aluno faz papel de professor- ele precisa compreender que o primeiro passo para atingir seu objetivo é ser um exemplo para seus ouvintes, muitos fizeram uma reflexão sobre suas próprias atitudes e muitos alunos prometeram nunca mais praticar nem “brincadeiras de mal gosto”, outros disseram “que temos que aceitar as pessoas e respeitá-las, pois não sabemos os problemas que enfrentam diariamente para ainda terem que suportar determinados tipos exclusões”.

A conclusão obtida é que há muito a se fazer para obtermos um mundo melhor, mas se cada pessoa faz sua parte já é um passo rumo à cidadania almejada, chegaram a conclusão de que se os Direitos Humanos fossem ensinados nas escolas às pessoas teriam mais acesso à informação de como agir em sociedade e fazer sua parte no mundo respeitando o próximo e construindo uma sociedade de paz e harmonia.

3.2 Relatos dos alunos do ensino fundamental sobre a experiência

Após toda a experiência relacionada ao ensino dos Direitos Humanos no 3º ano do Ensino Médio, os alunos foram submetidos a elaborar uma pesquisa e repassar as informações obtidas aos alunos do ensino fundamental, com faixa etária entre 12 a 14 anos. A seguir alguns relatos dos alunos que assistiram ao seminário executado pelo ensino médio.

“Os alunos do 3º ano realizaram uma dinâmica, muito boa, porque tocou na ferida de cada um, tornando uma brincadeira de mal gosto em uma coisa séria. Também, comentaram fatos que ocorreram na escola devido ao bullying que nem imaginávamos que ocorria. Portanto, acho que deveria ter mais palestras nas escolas, pelo fato de um bullying estar crescendo cada dia mais, até por que muitas vezes nós mesmo comentemos bullying sem saber”.

(M.A.S - 8º ano, 13 anos)

“Foi muito interessante, pois eles buscaram um meio de acabar com esse acontecimento (o bullying) e eu acho que todos ficaram pensativos e agora vão mudar, parar de praticarem bullying e brincadeiras ruins. Eu aprendi que não devemos criticar e nem se vingar das pessoas por que uma hora elas irão se arrepender do que fizeram. Acho que os professores deviam falar mais sobre isso nas aulas”.

(H.R – 8º ano, 13 anos)

“Eu gostei muito da palestra que o 3º ano realizou, eles fizeram uma conversa entre amigos, nessa palestra eu aprendi mais sobre o que é o bullying e o porquê os “valentões” praticam o bullying. E com certeza hoje eu vejo o bullying de outra forma, pois agora sei o quanto sofre a vítima dessa violência e por isso vou pensar duas vezes antes de falar algo de alguém”.

(M.T – 7º ano, 13 anos)

Há muitas campanhas educativas para acabar com o bullying, mas elas não fazem efeito, porém um grupo de alunos falar sobre e ainda citar exemplos de sua própria vida. O bullying não é algo que apenas uma palestra ira resolver, mas os alunos bateram na tecla de ser a influência, mas qualquer um que fala mal do outro sabe que irá ofendê-lo. A conscientização vai de cada um, mas a iniciativa pode levar aonde queremos, um mundo perfeito nunca vai existir, mas um mundo mais humano pode sim. (...) Depois ouvi muitos colegas dizendo que não vão mais praticar o bullying.

(A.B 7º ano, 12 anos)

“Achei a palestra ótima, explicaram bem e o que achei mais interessante foi que muitos deles haviam praticado bullying e depois de estudarem e precisarem apresentar eles se conscientizaram e pararam com essas atitudes. Eu mesma já sofri bullying, porém nunca pratiquei, mas acho que esse tipo de palestra deveria ser feito em todas as escolas e principalmente para todas as crianças, para que elas aprendam desde cedo”.

(L.S.C – 8º ano, 13 anos)

3.3 Discussões dos resultados

A escola deve ser um ambiente que estimule a criança e o adolescente a se desenvolver, e entre a escola e o aluno está o professor que deve ser o mediador desse saber. Mas não de forma tradicional, em que a aprendizagem é realizada sem planejamento, pacata e entediante, mas sim fazendo o uso correto de uma didática eficaz, que procura trabalhar no aluno a vontade de aprender e ter a curiosidade acerca do assunto/disciplina ministrado. Por isso, a dinâmica das atividades deve ser elaborada considerando a realidade social de cada escola. Fazendo-se a contextualização do conteúdo com o dia a dia e a realidade dos alunos e de seus familiares, que variam de acordo com cada localidade e faixa etária que a escola abriga.

Com isso os alunos obtiveram um estudo diferenciado e dinâmico, evitando as aulas tradicionais e pesquisando, obtendo e adquirindo sua própria iniciativa e autonomia dentro da escola e depois de todo esse esforço chegaram à conclusão de que o aprendizado é capaz de modificar o ser-humano e até utilizaram uma frase atribuída a Gandhi em que diz: *Seja Você a mudança que quer no mundo*. Quando mudamos nossas atitudes a influência é transmitida ao meio em que vive e toda a sociedade aprenderá com suas demonstrações de conhecimento sobre o respeito ao próximo e as noções de cidadania encadeando uma série de boas ações. Que os adultos, principalmente, precisam ser um exemplo para os mais jovens, porém quando o adulto exerce uma influência negativa isso deve ser trabalhado a fim de que não ocorra mais.

A construção do conhecimento é efetivada a partir do momento em que o aluno é exposto a transmitir as informações adquiridas por suas pesquisas e até mesmo experiências pessoais, assim como afirma Olgária Mattos:

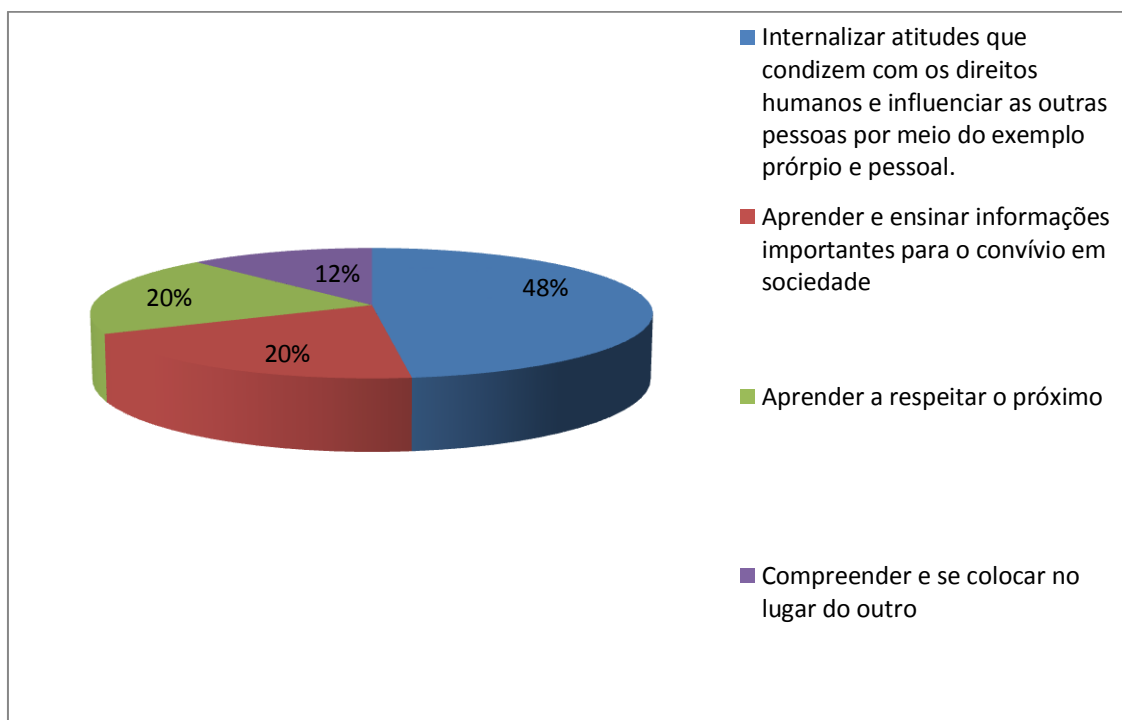
(...)os ideais de respeito, tolerância e autonomia do pensamento podem constituir uma reversão de dogmas que geram preconceitos se a estes se contrapuser a prática do *diálogo*. Noção das mais importantes, este encontra-se intimamente ligado não somente à Filosofia mas ao próprio ato de pensar. Diálogo supõe movimentar-se num campo semântico e conceitual que leva em conta o discernimento, a distinção, a diferença.(MATTOS. 2008, p. 92-100)

Com isso, Olgária Mattos afirma que o respeito e o conhecimento também são adquiridos por meio do diálogo, ouvindo e debatendo as opiniões e pensamentos alheios. Permitindo a participação ativa do aluno e compartilhando informação. Dessa forma, é possível alcançar a educação tanto das ciências quanto da cidadania e do respeito, uma vez que é função da escola formar cidadãos.

3.4 Dados obtidos com as pesquisas e palestras realizadas pelos alunos do Ensino Médio

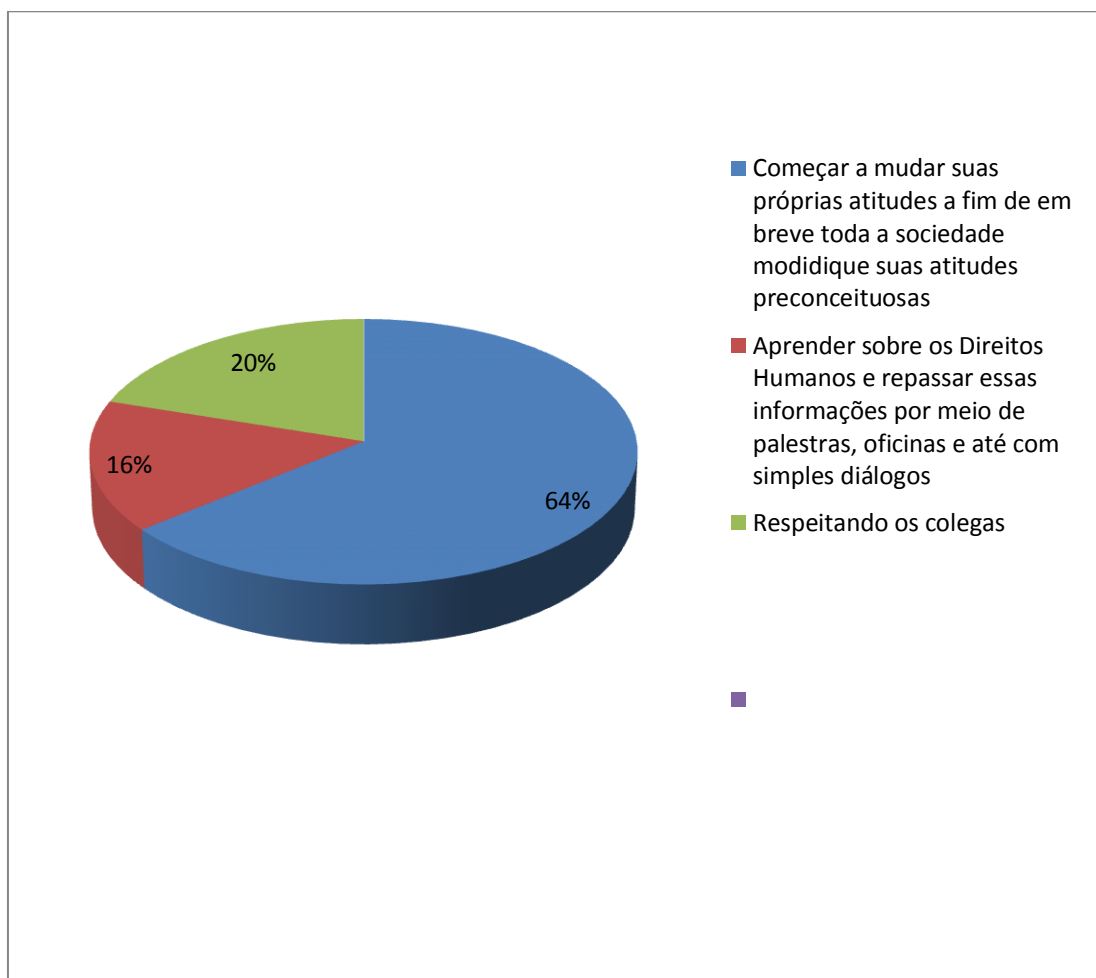
Os gráficos mostram os resultados dos questionários respondidos pelos alunos do Ensino Médio, seguido dos relatos mais relevantes para a construção dos gráficos e dos objetivos alcançados com tal intervenção.

1. Em que medida o projeto pode contribuir para uma convivência respeitosa entre os colegas?



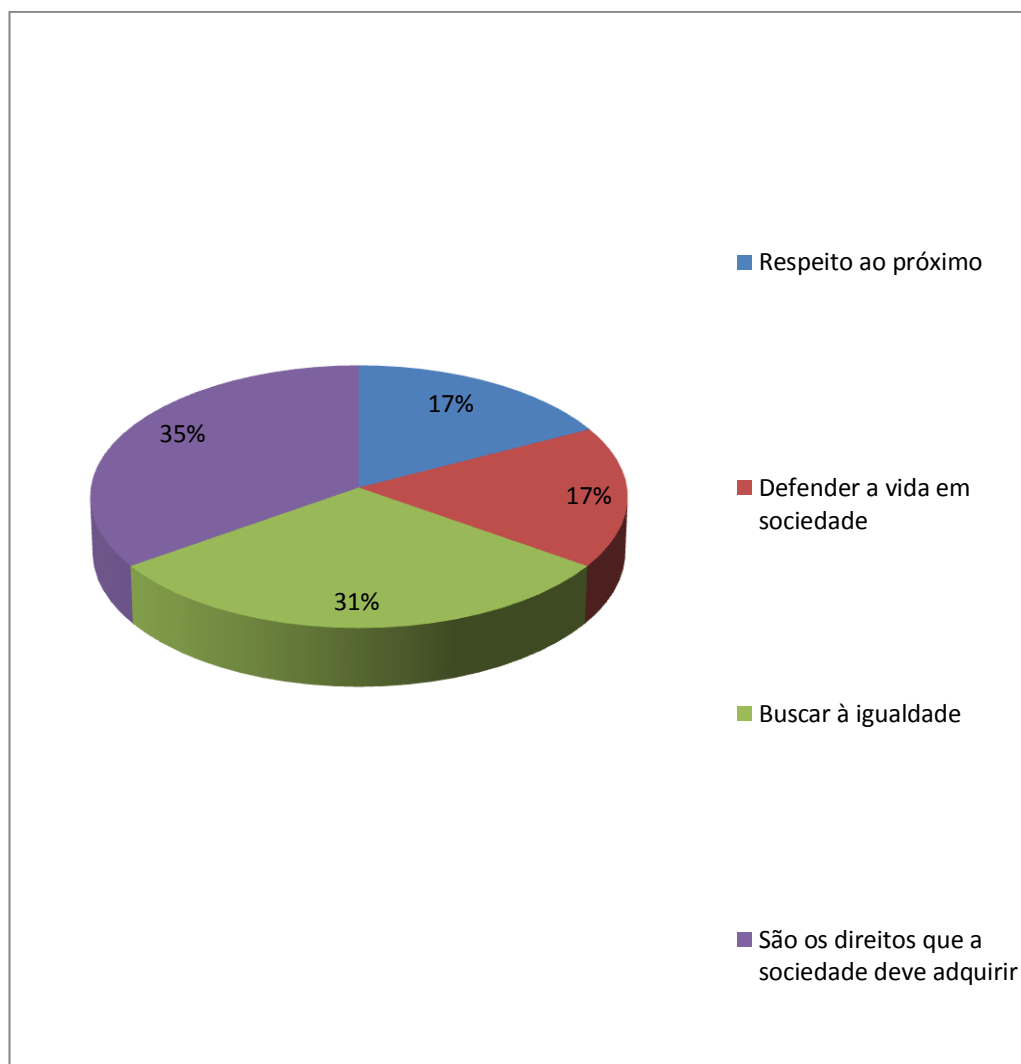
Através da conscientização, alertar e orientar os alunos a saberem agir quando ocorrer casos de bullying, e através dessas ações buscarem novas atitudes para respeitar os colegas. (G.J.A. S- 18 anos)

2. Quais atitudes suas e de seus colegas poderiam contribuir para criar na escola um ambiente de convivência pacífica e de valorização das pessoas na escola?



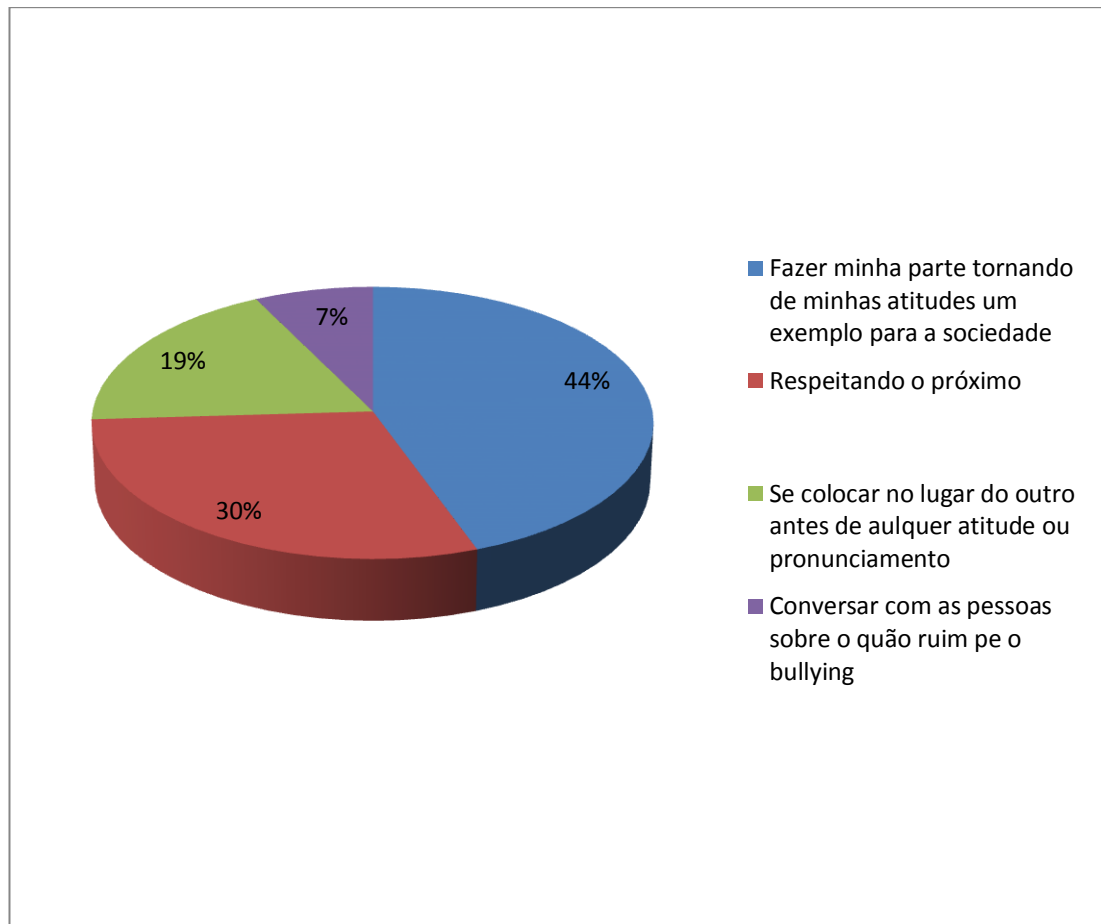
Através de suas próprias atitudes, a partir do momento em muda suas atitudes, livres de brincadeiras sem graça, com isso você se torna exemplo para todos a sua volta causando com isso um efeito dominó. (C.C -17 anos)

3. O que você entende por Direitos Humanos e cidadania????



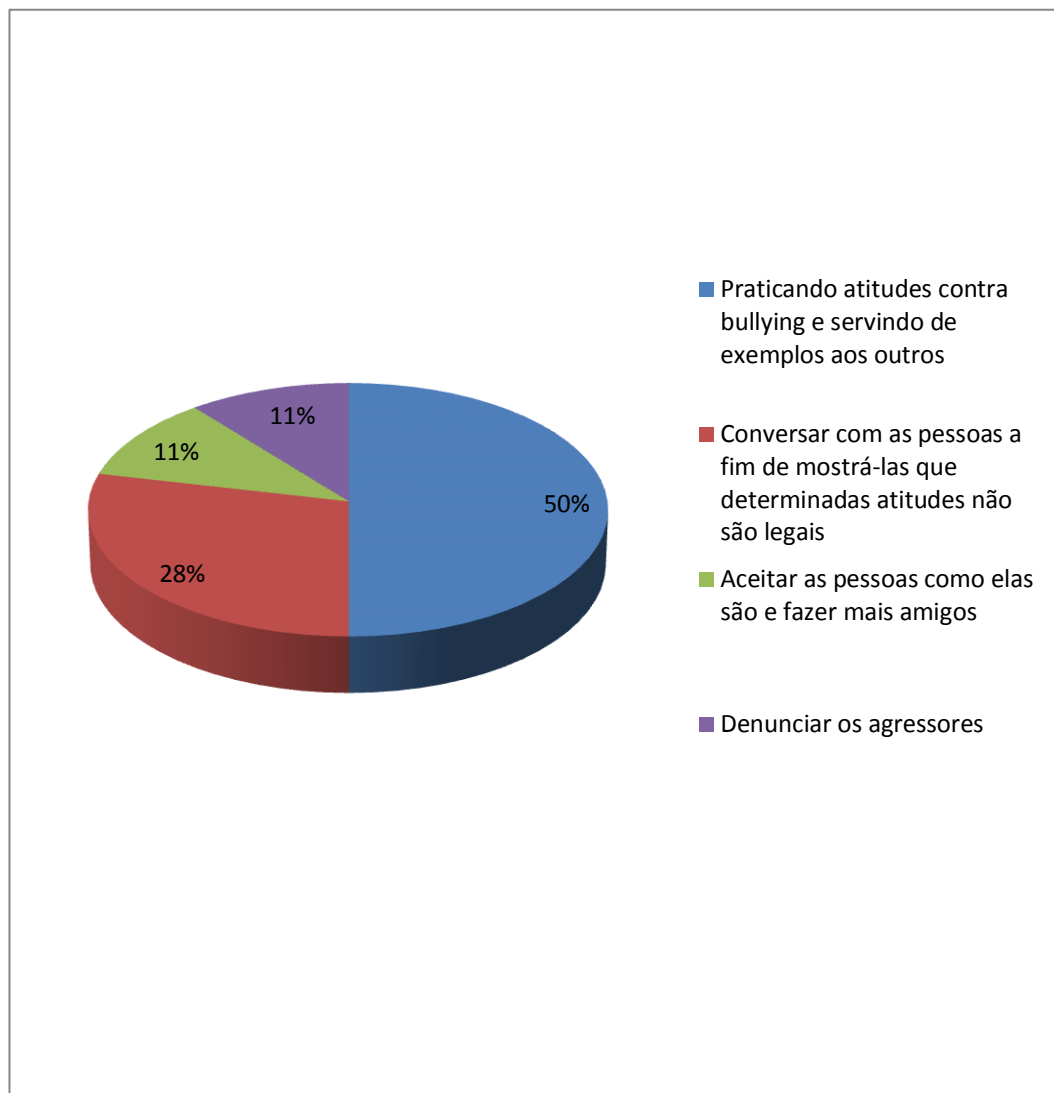
Direitos Humanos são as garantias de necessidades básicas para uma convivência os seres humanos e cidadania é o papel que o individuo desenvolve na sociedade. (G.M. -16 anos)

4. O que você pode fazer para contribuir para o cumprimento dos Direitos-Humanos na escola e na sua comunidade?



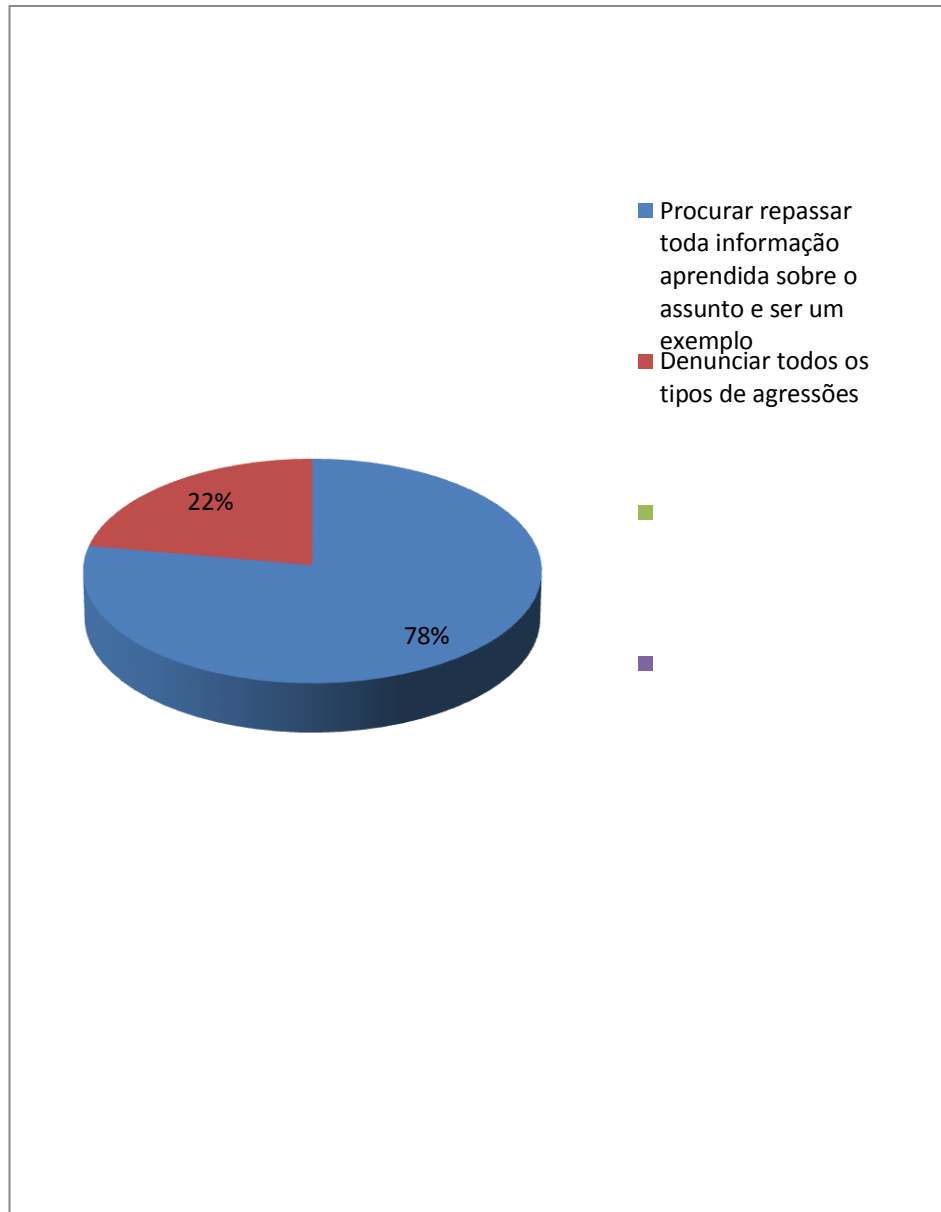
Começar a praticar os respeito ao Direitos Humanos e a cidadania, e também fazer campanhas na escola e na comunidade. (B.E – 18 anos)

5. Como você pode contribuir para acabar com as práticas de *bullying* no ambiente escolar?



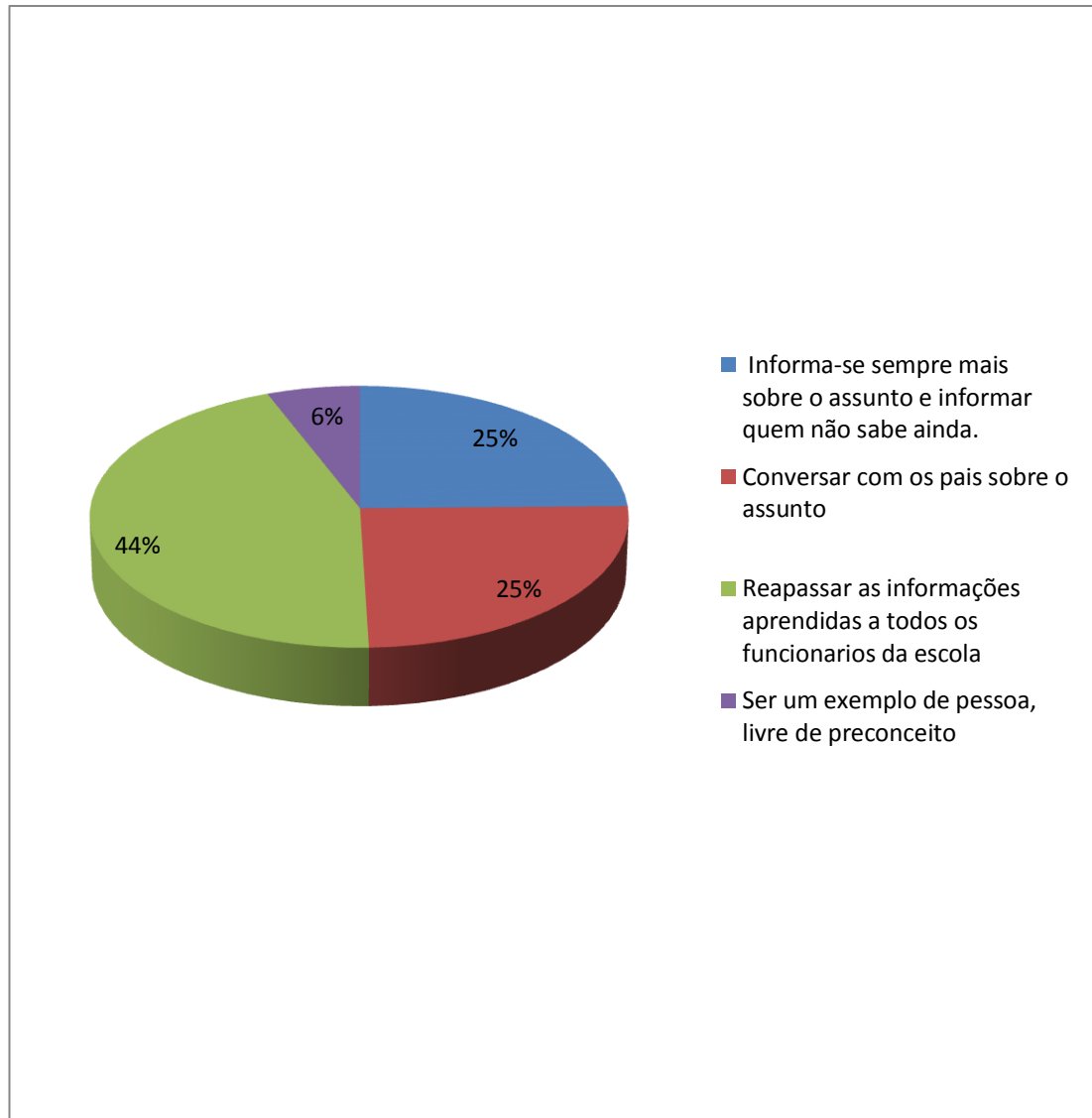
Mudar minhas atitudes, pois através dos exemplos é possível mudar as próximas gerações, mostrando que quem pratica bullying não está com nada, depois de atingir essa nova geração o bullying não existirá mais. (M. A – 16 anos)

6. Como você acha que pode contribuir para ajudar seus amigos a não praticarem *bullying*? E como ajudar àqueles que sofrem essa violência?



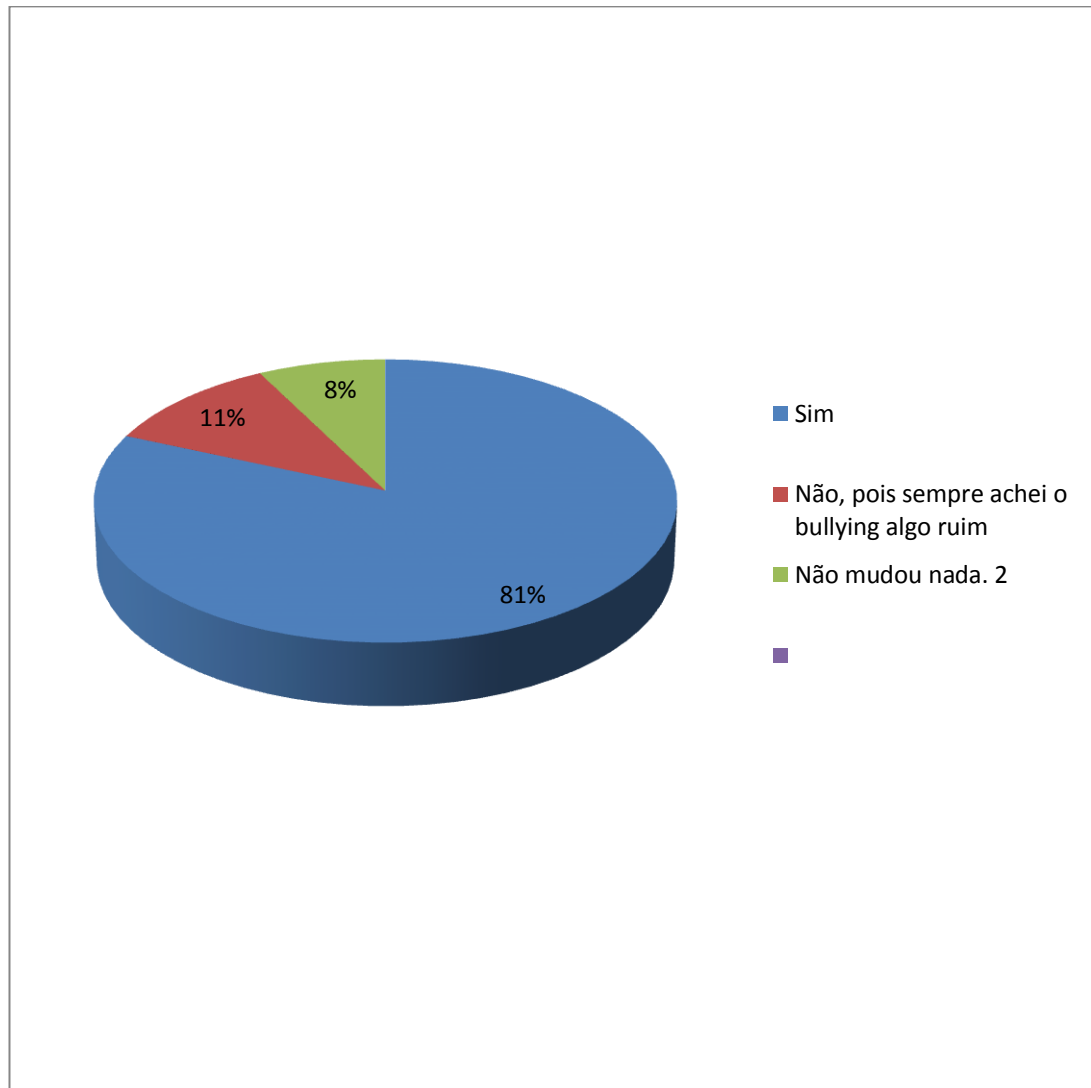
Através de conversas e palestras tentar estimular as vítimas que denunciem, não apoiar os agressores nessa prática, criar na escola um ambiente de apoio, no qual as pessoas que sofrem bullying possam se sentir a vontade de desabafar para que alguma providencia possa ser tomada. (J.V.V – 16 anos)

7. Como levar essas experiências para fora da escola, envolvendo e incentivando os amigos e familiares?



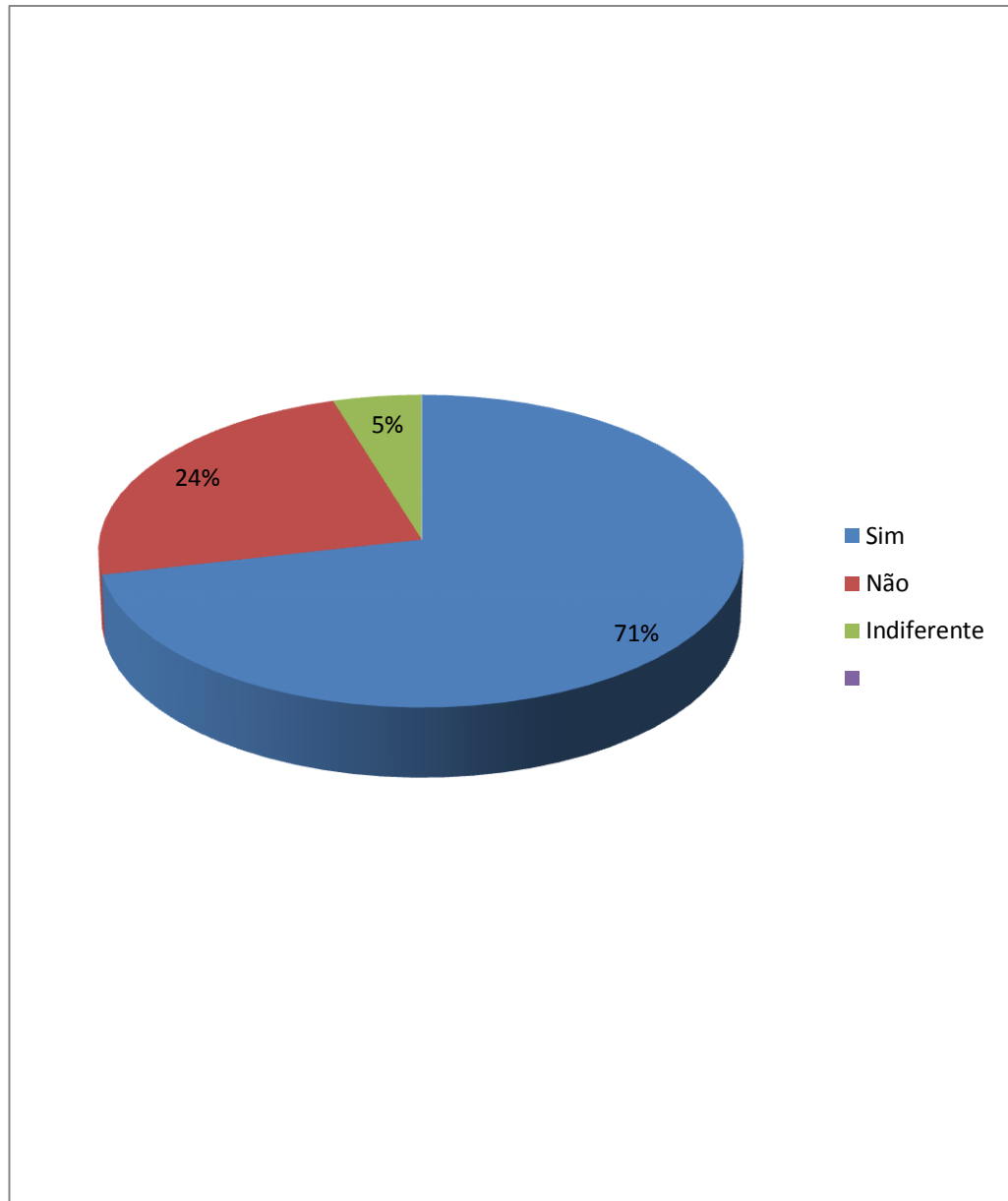
Fazer campanhas, divulgar os ensinamentos sobre Direitos Humanos em vários lugares e principalmente na internet, para que muitos possam se conscientizar e também para atingir o cyberbullying, para que as pessoas compreendam a proporção que a internet é capaz de alcançar, sendo assim evitar principalmente essa prática online. (S.S.R.S – 16 anos)

8. Depois de todas as informações adquiridas sobre o *bullying* a sua visão sobre o assunto mudou ou permanece a mesma?



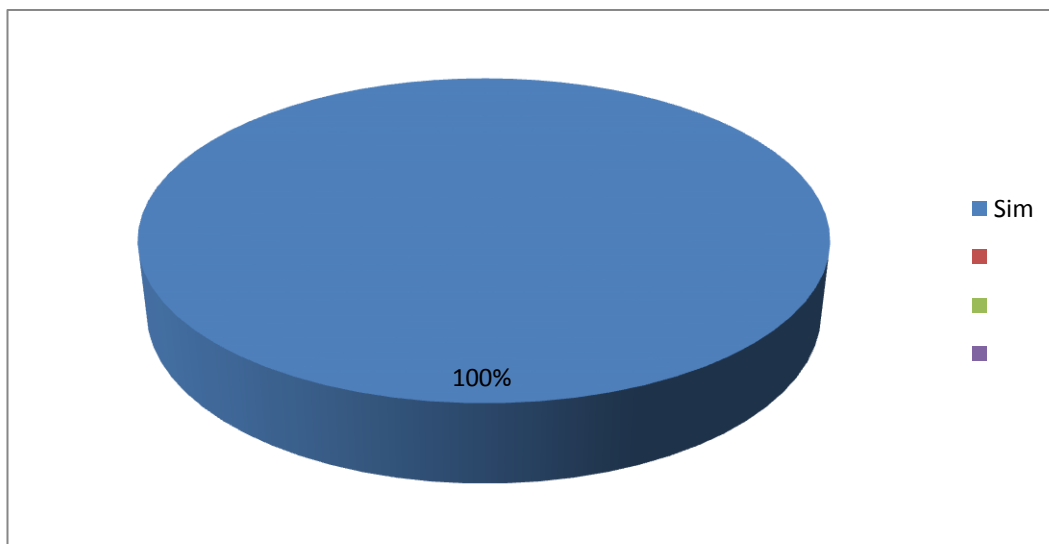
Todos nós temos problemas, mas a partir do momento em que conhecemos sobre o bullying podemos prestar atenção nas nossas atitudes e modificá-las, e quando podemos repassar isso a outras pessoas podemos ajudar a mudar o pensamento de alguém e ajudar aqueles que sofrem com o bullying ou com qualquer outro tipo de preconceito.
(T.C.C.F.A – 17 anos)

9. Você achou importante trabalhar o assunto “*bullying*” nas aulas?



Sim, e o fato de apresentarmos para os outros alunos nos fizeram refletir que não devemos apenas aprender sobre o bullying e os Direitos Humanos, mas também ensinar e tentar fazer algo pela nossa sociedade. (A.C.S – 17 anos)

10. Você acha que estudar e saber mais sobre o *bullying* pode ser uma alternativa para contribuir e ajudar aos que sofrem com isso?



Sim, pois com apenas esses estudos descobrimos colegas que sofriam bullying sem que nós desconfiássemos, também percebemos que muitas vezes induzíamos ao bullying, com risadas e brincadeiras que magoavam nossos amigos. Então, compreender o bullying nos fez saber que atitude tomar diante dessas situações e principalmente aprender a denunciar o agressor para que as medidas cabíveis sejam tomadas. (D.A.S – 17 anos)

Com certeza, conhecer sobre o bullying nos fez compreender melhor o que é Direitos Humanos e o quanto isso pode ser importante para nossa vida no futuro e principalmente saber que com atitudes simples você pode fazer sua parte para contribuir para um mundo melhor. (B.H. - 17 anos)

Sim, porque o conhecimento é capaz de ajudar tanto quem sofre o bullying como quem pratica. Aprendemos que o respeito ao próximo deve acontecer para todos, afinal somos todos humanos e não devemos fazer com o outro o que não gostaríamos que fizessemos conosco, assim como quem pisa, um dia será pisado e cada pessoa tem o seu valor. Se hoje você não gosta do seu colega por ele ser negro, gordo, homossexual etc. lembre-se que amanhã ele pode ser o médico que salvará sua vida. (J.V – 17 anos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de ensinar o Direitos Humanos no ensino regular é fazer com que cada indivíduo compreenda que as diferenças existem e precisam ser respeitadas além de conscientizar os que nos cercam com nossas próprias atitudes, não adianta promover políticas de incentivo e propagandas educacionais se não vivenciamos essas atitudes em nosso dia a dia. Então, nosso dever como cidadãos é cuidar da sociedade, dos nossos jovens e de tudo que nos envolve, pois antes mesmo de exigir dos outros uma atitude humanitária e consciente é preciso interiorizar e começar por si, em seu ambiente de trabalho, em seu lar educando a partir de suas próprias ações, começando em casa e estendendo para os lugares em que sua presença se faz necessária, ou seja, viver e educar em e para os Direitos Humanos a fim de habitar uma sociedade pacífica.

O curso de pós-graduação em Direitos Humanos no contexto da Diversidade Cultural mostrou projetos da Universidade de Brasília que promovem reflexões acerca do tema, porém, nem todos terão acesso a uma universidade, outros conseguem com uma idade já avançada, a intenção de levar esse conhecimento para a educação básica é tentar atingir um numero maior de brasileiros conscientes sobre as diversidades culturais, uma vez que tal conhecimento leve ao respeito mútuo.

Para realizar uma educação em e para os Direitos Humanos é necessário desconstruir tudo que está internalizado a respeito das diferenças e quebrar os paradigmas impostos a nós, é necessário estar aberto a aceitar o novo e se permitir aceitar a todos com respeito e fraternidade. Assim como Lucia Pulino defende “a abertura para novas experiências e o convite aos outros para nos acompanharem, vão permitir que percebamos que a aventura humana pode se abrir para a reinvenção de si e do mundo, a todo momento”(2015, p.11). Assim como muitos alunos citaram que o estudo dos Direitos Humanos os fizeram perceber que eles praticavam atitudes discriminatórias, e praticam sem ao menos perceber que era algo negativo. A maioria dos relatos dos alunos foi que a mudança deve começar em si para somente depois atingir ao próximo.

Através do diálogo fomos descobrindo muitas coisas, os alunos retraídos falaram, expuseram suas aflições e chateações, sentiram-se seguros para falar quando se identificaram

ao contexto da aula. Os alunos do 3º ano do Ensino Médio criticaram o novo conteúdo apenas pelo fato de só ocorrer próximo ao fim do ano e no fim de sua vida acadêmica. Todos os alunos afirmaram que deveriam ter o acesso as informações –EDH- antes e que se pudessem voltar no tempo teriam vivido de maneira distinta, com mais amizade e carinho pelo próximo. Os alunos relataram que naquele momento no qual em breve irão se separar perceberam o quanto são amigos e o quanto gostam um dos outro. E por fim, ainda lembraram de colegas que saíram da escola e eles não tiveram a oportunidade de se desculparem.

A proposta de uma educação dos Direitos Humanos no Ensino Médio tem como finalidade diminuir as práticas de *bullying*, mas essa proposta deve ser melhorada e adequada para levemos a todas as esferas da educação básica. É papel da escola, ensinar para a vida e um ambiente no qual cresce os números de violência por motivos fúteis, e mesmo entre professores e alunos. O conhecimento acerca do respeito ao ser-humano, ser vivo e meio-ambiente, compreende a busca por uma sociedade mais pacífica e com essa pesquisa-intervenção ficou comprovado que tais conhecimentos são capazes de modificar o pensamento sobre a vida.

A ideia final de um seminário em que os alunos foram submetidos a repassar todo aprendizado para todas as turmas da escola nasceu da vontade despertada nos alunos de terem essa informação ainda mais cedo, para que pudessem ter aproveitado melhor seus amigos durante aquela fase da vida que está chegando ao fim. Em sua apresentação muitos alunos disseram: *Quem me dera ter tido essa oportunidade na idade de vocês, conhecer que é o bullying, saber suas causas e efeitos e principalmente poder fazer algo para impedir esse acontecimento. Hoje o que posso dizer é que tudo que eu não fiz para ajudar meus colegas, tanto os que sofreram bullying como aqueles que praticaram sem nem saber de sua gravidade, eu quero que vocês façam pelos colegas de vocês, pois um dia vocês chegarão ao terceiro ano e sentirão o que estou sentindo, saudade de vê-los todos os dias e compartilhar uma vida por todas as manhãs.* (J.V.V – 16 anos) J.V.V foi um aluno que disse ter praticado *bullying* várias vezes com seus colegas, não chegou a agredir mas a magoar muito deles, J.V.V chorou pediu desculpas e me agradeceu.

Por outro lado o aluno M. L – 18 anos a princípio não quis participar, pois afirmava ter sofrido *bullying* a vida inteira e ter vivenciado tentativas de suicídio devido ao *bullying*, porém depois de algum tempo ele participou ativamente das aulas e por fim em sua palestra

relatou: *Eu sofri muito, mas a pior parte era o fato de ninguém acreditar em mim, meu pai me chamava de marica por não reagir, mas eu não queria reagir eu só queria que aquilo parasse de acontecer e não sabia como fazer aquilo parar, hoje vendo muito deles arrependido das brincadeiras que faziam e estudar sobre me faz acreditar que podemos acabar com isso. Sei que muito ainda precisa ser feito e mudado, mas sinto que não vou sair do ensino médio sem ter feito algo. Quando percebemos que isso não é um problema só nosso temos vontade de unir forças para buscar a solução.*

A maioria dos alunos concluiu que a mudança que queremos na sociedade deve começar por nós, por nossas atitudes, porém a mudança ela necessita de tempo para ocorrer, a inclusão do ensino de Direitos Humanos como forma de prevenir o *bullying* precisa ser estudada gradativamente durante os anos letivos a fim de verificar o progresso dos alunos em suas diversas faixa etária.

Eu como professora/pesquisadora percebi a mudança entre o tratamento dos alunos e até a relação deles com os professores, assim como a motivação do corpo docente em participar das palestras e aulas, para o próximo ano já há previsões de como faremos a inclusão desse estudo interdisciplinar abrangendo o máximo de disciplinas e professores.

Com todos esses relatos afirmo que o objetivo com esta pesquisa/intervenção alcançou seu objetivo de levar o aluno à reflexão sobre suas atitudes para com os colegas e com os outros, e os egressos do Ensino Médio se sentem muito mais preparados para enfrentar a diversidade agora numa faculdade ou já no mercado de trabalho, lugar em que exercerão com afinco sua cidadania. Muitos pais de alunos do ensino fundamental disseram que a escola está fazendo bem para o aluno que percebe uma maturidade em suas atitudes também em casa, além de ouvir sempre associações ao seminário de seus colegas e questionarem sempre quando ocorrerá outra palestra sobre *bullying*, isso reflete o quanto a escola esteve envolvida nessa pesquisa.

Por esses motivos é que acredito ser o primeiro passo rumo a uma educação em e para os Direitos Humanos como estratégia para combater o *bullying*, uma vez que nós professores

“assumimos que a pesquisa nos leva a tentar compreender os processos e não os resultados. Na sala de aula, interessa-nos mais compreender como cada estudante dá sentido ao que estuda, qual sua

motivação, qual a maneira como ela ou ele prefere estudar, e com quem”(PULINO, 2015, p. 5)

Com isso, toda pesquisa realizada no âmbito da educação exige aperfeiçoamento e continuação, afinal a pesquisa é algo que nunca termina, pois sempre teremos novos alunos, novas comunidades, novas, realidades que se abriram para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBULQUERQUE, D.M; SILVA G. J. **Metodologia de pesquisa: pré-projeto de pesquisa-intervenção.** In: *Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo 5). Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <<http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>>. Acesso em: 24 de setembro/2015.

_____. **Pesquisa e Construção do Conhecimento – inter-relação necessária.** In: *Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo 2). Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <<http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>>. Acesso em: 10 de setembro/2015.

AZAREDO, Marina. **28% dos alunos já sofreram violência.** O estado de S.Paulo, 28 de nov. 2013. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br>> Acesso em: 20 de setembro 2015.

BERNARDO, Charlot. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber.** Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf>. Acesso em: 24 set 2015.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Texto constitucional promulgado em outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1 a 6 94 e pelas Emendas Constitucionais nº1/92 a 31 / 2000. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2001. 16

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Ano CXXXIV, nº 248, 23 dez. 1996.

_____. Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira”, e dá outras providências.

CASTRO, E.; GONZALEZ, Á. **Os Direitos Humanos nas Concepções e Práticas Pedagógicas.** In: *Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo). Brasília:

Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>. Acesso em: 05 de agosto/2015.

CUNHA, M.V. da. **Piaget: Psicologia genética e educação**. Acervo Digital UESP. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/141/3/0108t02.pdf> Acesso em: 01 out. 2015.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível na Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo: www.direitoshumanos.usp.br

FLORES, Joaquin. Herrera. *La reinvención de los derechos humanos*. Colección Ensayando. Andalucía: Atrapasueños, 2008-A; *A (re)invenção dos direitos humanos*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende – Belo Horizonte, 2013.

IVAN, Ivic; Edgar Pereira Coelho (org.) – **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 140 p.: il. – (Coleção Educadores)

LIMA E SILVA, Pollyane. **Um em cada cinco adolescentes praticam bullying no Brasil**. Revista Veja, 19 junho 2013. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/educacao>> Acesso em 20 de setembro 2015.

MAGENDZO, Abraham. **Educação em Direitos Humanos: um desafio para os docentes de hoje**. Santiago: LOM Edición, 2006.

MATTOS, Olgária. **Sociedade, tolerância, Confiança, Amizade**. Revista USP-SP (37): 92 - 100, maio 1998.

NASCIMENTO W.F.do; DELMODEZ P. **Sujeitos da Diversidade**. In: *Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo 2). Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>. Acesso em: 04 de outubro/2015.

PULINO, Lúcia Helena. **Diversidade cultural, singularidade e processos de desenvolvimento e aprendizagem**. In: *Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo 1). Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>. Acesso em: 6 de outubro/2015.

_____ **Diversidade cultural e ambiente escolar.** In: *Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo 1). Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>. Acesso em: 6 de outubro/2015.

_____ **Tornar-se humano: Tornar-se cidadã/cidadão: a ética na educação** In: *Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo 4 – seção II). Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>. Acesso em: 6 de outubro/2015.

_____ **Tornar-se humano o Direitos Humanos.** In: *Plataforma Aprender - Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo 4 – seção III). Brasília: Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://aprender.ead.unb.br/course/view.php?id=1153>. Acesso em: 6 de outubro/2015.

SANTOS, B.S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. 2ª ed. São Paulo: Cortez 2008.

APÊNDICES

A – QUESTIONÁRIO

1. Em que medida o projeto pode contribuir para uma convivência respeitosa entre os colegas?
2. Quais atitudes suas e de seus colegas poderiam contribuir para criar na escola um ambiente de convivência pacífica e de valorização das pessoas na escola?
3. O que você entende por Direitos Humanos e cidadania????
4. O que você pode fazer para contribuir para o cumprimento dos Direitos- Humanos na escola e na sua comunidade?
5. Como você pode contribuir para acabar com as práticas de bullying no ambiente escolar?
6. Como você acha que pode contribuir para ajudar seus amigos a não praticarem *bullying*? E como ajudar àqueles que sofrem essa violência?
7. Como levar essas experiências para fora da escola, envolvendo e incentivando os amigos e familiares?
8. Depois de todas as informações adquiridas sobre o *bullying* a sua visão sobre o assunto mudou ou permanece a mesma?
9. Você achou importante trabalhar o assunto *bullying* nas aulas?
10. Você acha que estudar e saber mais sobre o *bullying* pode ser uma alternativa para contribuir e ajudar aos que sofrem com isso?

ANEXOS

TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS



Bullying: Caso Wellington Menezes (O atirador de Realengo)

janeiro 26, 2013 por nazare palmeira

O dia 07 de abril de 2011 ficou marcado na história brasileira como o dia do “Massacre em Realengo”. Por volta das 8h30min da manhã, Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, se dirigiu para a Escola Tasso da Silveira, no bairro de Realengo no Rio de Janeiro, onde entrou dizendo ser convidado para uma palestra. Subiu três andares e entrou numa sala de aula com 40 alunos, que assistiam à aula de português. Sem dizer uma palavra, disparou 50 tiros contra os estudantes, deixando um saldo de 12 crianças mortas (dois meninos e dez meninas, com idades entre 12 e 14 anos), se matando logo a seguir.

Dias antes, Wellington havia gravado um vídeo falando de seus motivos para tal atitude. Dizia ele que se vingaria em nome “daqueles que são humilhados, agredidos e desrespeitados, principalmente em escolas e colégios, pelo fato de serem diferentes”. Em carta ele disse: “Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo, e todos os que estavam por perto debochavam, se divertiam com as humilhações que eu sofria, sem se importar com meus sentimentos”. Pelo enorme tamanho da tragédia, pareceu-nos que o real desejo dele era o de “matar a escola” e todos que lá estavam, transferindo para aquelas pessoas a mágoa de quem foi humilhado, agredido, desrespeitado, excluído e discriminado sob o olhar de testemunhas que nada fizeram para de alguma forma ajudá-lo. Um caso típico de Bullying.

Discriminação por homofobia

A mãe de um jovem gay colombiano de 16 anos que se suicidou no mês passado decidiu avançar com acusações contra a escola católica onde seu filho estudava. Isso, após ler uma carta de despedida deixada pelo rapaz, em que desabafa o bullying sofrido por funcionários da instituição.

De acordo com o site ElEspectador, Sergio Urrego sofria constantemente assédio moral e bullying praticado pelos administradores da escola Gimnasio Castillo Campestre, um colégio católico de Bogotá, Colômbia. A perseguição ao jovem começou depois que eles confiscaram seu celular e descobriram uma foto em que ele aparece beijando seu namorado.

Os mesmos funcionários também teriam bloqueado pedidos dele de transferência e o obrigaram a visitar um psicólogo da escola. Depois de semanas de tortura psicológica, suspensões de classe e acusações de ser um “anarquista”, “ateu” e “homossexual”, Sergio tirou a própria vida se jogando do telhado de um shopping. A justiça ordenou que fosse feita uma inspeção na escola na tarde desta segunda-feira (15/09). Um interrogatório com o reitor da escola, uma professora e o psicólogo que atendeu ao jovem também será marcado. Um pouco antes de se suicidar, ele postou a letra “Goodbye Cruel World” (“Adeus Mundo Cruel”) do Pink Floyd em seu mural do Facebook.

Opiniões dos funcionários sobre o Bullying nas escolas

“O termo Bullying pode ser utilizado para definir atos de violência praticados em ambientes escolares de modo repetitivo e intencional (De ofensa física ou psicológica), em atos de violência, brincadeiras de mau gosto ou simplesmente brincadeiras que não tinham o intuito de ofender a vítima, porém acabam afetando-a indiretamente.

Segundo opiniões de alguns funcionários do colégio Certo, o Bullying se enquadra nas definições acima. Acompanhe as entrevistas sobre o tema abordado:

“Eu acho que o Bullying é uma brincadeira de mau gosto, que acaba influenciando no futuro da pessoa, pois uma pessoa traumatizada por essas brincadeiras pode se tornar um

adulto frustrado, atrapalhando principalmente nas suas relações sociais. Eu não era uma boa jogadora de vôlei e por isso ninguém me chamava para jogar, eu me sentia rejeitada e me excluía nas aulas de Educação Física. A prevenção começa de casa, pois muitas crianças não são educadas para respeitar o próximo. ” (Professora de química)

“ Para mim, o Bullying é um preconceito, as críticas que os agressores impõem sobre as vítimas sem nenhum conhecimento prévio acabam provocando desconforto e estabelece essa relação de superioridade. As pessoas não deveriam se intrometer na vida das outras para prejudicar, isso seria um ótimo jeito de acabar com esses atos. ” (Tia da Cantina)

“É uma brincadeira muito desagradável, eu digo brincadeira porque na minha época de estudos quem praticava o Bullying também sofria, porém, na atualidade, as pessoas não sabem mais lidar com esse tipo de brincadeira e levam na maldade, se reprimem e acabam se isolando. Quando eu recebia apelidos eu não me ofendia e eu também retribuía, todos levavam na esportiva e esse seria um ótimo método para acabar com essa má interpretação sobre esses atos, simplesmente sendo seres humanos. ” (Professora de Matemática)

“ O Bullying é uma maldade, qualquer simples ação pode ofender alguma pessoa, como fofocas e brigas, entre alunos ou professores. É necessário evitar certas atitudes e argumentos que possam ofender o ouvinte. ” (Tio da portaria)

“ É algo ruim, pode prejudicar tanto no comportamento quanto nos estudos de certos alunos, eu conheci algumas pessoas que sofreram e elas não se interagiam, não conversavam, levavam dúvidas para casa, ficavam realmente receosas de tudo. Deveriam existir trabalhos de conscientização sobre o Bullying e alguns projetos de interação com alunos e professores para acabar com essa repressão.

“ O Bullying é uma prática indiscriminada de violência, que acaba derrubando a autoestima das vítimas. Na minha época de escola eu era baixinho, gordo e usava óculos, portanto sofria bastante com isso. É preciso ter mais conversa sobre o assunto, tanto nas escolas quanto em casa, para evitar esse tipo de constrangimento. ” ”(Professor de Geografia)

Não levará muito tempo para vermos outros ambientes se tornando suporte para a prática do Bullying. Portanto, é essencial que existam propagandas, campanhas e atividades que informem os brasileiros, além de orientações e penas mais severas aos infratores, para que, dessa forma, a convivência entre jovens e professores seja mais saudável.



O Bullying que atinge crianças e adolescentes dentro das escolas

O bullying é um problema sério que atinge todas as escolas do Brasil e do mundo no quais crianças e adolescentes discriminam, julgam, brigam e até batem em outras por elas não fazerem parte do seu ciclo de amizade, ou por usar uma roupa diferente, ter algum problema de saúde, serem acima do peso, menores do que os outros e outros fatores.

Para mostrar que é presente em todos os lugares. Saímos entrevistando alguns alunos da unidade CERTO de Taguatinga Norte.



V. -8º Ano

“O bullying é a forma de discriminação que fazem com outras pessoas, por estarem fora dos padrões”

“Chamavam-me de ‘gordinho’, ficava muito chateado com isso, mas nunca procurei ajuda de ninguém, tentava levar na esportiva...”

M. -8º Ano

“Sempre fui menor que os garotos da minha idade, e isso era motivo de brincadeiras, me chamavam de baixinho, isso me machucava muito sentia um aperto no coração. Tentei resolver falando para os professores e diretores, mas não mudava nada.”

“Eu acho que a escola deve criar leis para punir de verdade quem pratica esse ato”

E. -9º Ano

“Eu comecei a sofrer bullying no começo desse ano na outra escola que estudava, eles me julgavam por eu ter feito algumas coisas erradas no passado.”

“Entrei em profunda depressão, tentei até o suicídio, com tudo que estava acontecendo procurei um médico psiquiatra e hoje tomo remédios e mudei de escola o que foi muito bom para a minha recuperação”

“Eu acho que a escola deve impor mais regras, buscar mais palestras e medidas para que esse tipo de coisa não aconteça”

N. -2º Ano

“Eles fazem esse tipo de brincadeirinha só porque eu não sei algumas coisas, isso me fez sentir uma pessoa horrível”

Samir -2º Ano

“Praticavam comigo quando era menor, era uma sensação horrível, ficava muito triste, mas nunca procurei a ajuda de ninguém, e fui melhorando aos poucos”

“Acho que a escola deve agir com mais vigor em relação ao bullying, punindo o praticante.”



F. -6º Ano

“Na minha antiga escola os outros alunos ficavam me xingando e falando que eu era baixinha, aí eu contei para a diretora, mas não mudou nada, eles continuaram a me xingar, só que agora pior”

“Eu fazia balé e as meninas ficavam falando que eu tinha que ir pra turma das crianças porque eu não tinha tamanho, isso me deixa muito triste e eu só tinha vontade de me vingar, mas minha mãe brigava comigo e falava que eu não podia fazer isso”

“Eu não acho que a escola tenha culpa, pois o problema é meu tamanho ela não pode me fazer crescer.”

D. -7º Ano

“Eu sofri bullying durante um ano só porque eu sou negro, ficava muito triste e magoado, falei para a direção mas não mudou nada”

“Eu acho que a escola deveria punir esses alunos, para que eles não façam isso de novo”

